

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILLA SISTO DALMARCO

**EDUCAÇÃO E NATUREZA FEMININA NO SÉCULO DAS LUZES:
SOPHIE DE ROUSSEAU X ÉMILIE DU CHÂTELET**

CURITIBA/PR

2013

PRISCILLA SISTO DALMARCO

**EDUCAÇÃO E NATUREZA FEMININA NO SÉCULO DAS LUZES:
SOPHIE DE ROUSSEAU X ÉMILIE DU CHÂTELET**

Ensaio monográfico apresentado
ao Curso de Especialização em
Filosofia da Educação: Ética,
Política e Educação, do Setor de
Educação da UFPR.

Orientadora: Prof^a Dra. Karen
Franklin.

**CURITIBA/PR
2013**



Universidade Federal do Paraná

Curso de Especialização em Filosofia da Educação:
Ética, Política e Educação – Setor de Educação.

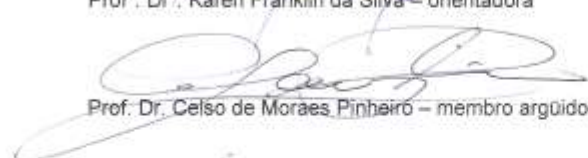
Ata da Banca Examinadora de Monografia

Aos vinte e cinco dias do mês de setembro do ano de dois mil e treze, na sala 116, do Edifício D. Pedro I, campus Reitoria da Universidade Federal do Paraná, às 14 horas, reuniu-se a Comissão de Avaliação de Especialização do Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação para arguir a aluna **Priscilla Sisto Dalmarco** e avaliar a apresentação de sua monografia: *Educação e Natureza Feminina no Século das Luzes: Sophie de Rousseau X Emilie du Châtelet*, apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação. A comissão esteve constituída pelos professores, Celso de Moraes Pinheiro, Gelson João Tesser e Karen Franklin da Silva (orientadora).

A comissão atribuiu ao trabalho escrito o grau 8,0 e à defesa o grau 8,0. A média final foi 8,0.

Nada mais havendo a constar eu, Délcio Junkes, presidente desta Banca do Curso de Especialização em Filosofia da Educação, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos integrantes da Comissão Examinadora.


Prof.ª. Dr.ª. Karen Franklin da Silva – orientadora


Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro – membro arguidor


Prof. Dr. Gelson João Tesser – membro arguidor

Dedico o presente trabalho em especial a minha amada avó Eunice e ao meu noivo Rafael.

Agradeço primeiramente a professora Karen Franklin pela orientação nesta pesquisa. Enfim, agradeço à todos àqueles que estiveram envolvidos implicitamente ou explicitamente na realização deste trabalho, fica aqui o meu muito obrigado à todos.

“A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. (...) Esses direitos inalienáveis e naturais são: a liberdade, a propriedade, a segurança e sobretudo à resistência à opressão. (...) O exercício dos direitos naturais da mulher só encontra seus limites na tirania que o homem exerce sobre ela; essas limitações devem ser reformadas pelas leis da natureza e da razão.” (OLYMPE DE GOUGES)

“Para que a humanidade seja mais perfeita e feliz, é necessário que ambos os sexos sejam educados segundo os mesmos princípios. Mas como isso será possível, se apenas a um dos sexos é dado o direito à razão?... É preciso que também a mulher encontre sua virtude no conhecimento, o que só será possível se ela for educada com os mesmos objetivos que os do homem. Porque é a ignorância que a torna inferior...” (MARY WOLLSTONECRAFT)

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo mostrar como acontecia a educação feminina no século das luzes. A caracterização do ser feminino ainda é mitificado quando analisado a partir de sua essência e sua natureza; afinal “*o que é uma mulher?*” Esta pergunta levantada por Elisabeth Badinter, em seu livro *O que é uma mulher*, levanta possibilidades para pesquisas que recaem sobre a forma pela qual o gênero feminino deve ou não ser compreendido, observados através da educação e modos de ser, na maioria das vezes impostos pela sociedade a partir da concepção de uma mulher ideal a ser produzida por toda a sociedade. Ao se observar a relação entre a história e a filosofia no século das Luzes, percebe-se alguns fatos marcantes para a compreensão da condição da mulher, principalmente pelo olhar da Igreja. Neste século, a criança de gênero feminino já traçava novos objetivos para ser retratada como ser humano com força e vontade, imprimindo ao livre-arbítrio a força de sua ação junto à sociedade. É neste ponto que a natureza feminina aflora. Seja por vontade imposta pelos moldes de uma sociedade regida pelos costumes masculinos, seja pela vertente que surge, entre os séculos XVII e XVIII principalmente na França, onde o gênero feminino mostra sua capacidade intelectual e seus feitos na sociedade política. Ao confrontar a personagem roussoniana imaginária de Sophie com a ilustre dama da sociedade francesa a Émilie do Châtelet trazemos à luz os conflitos entre o ideal e o real se produzindo. Sophie nos apresenta o ideal cultural, estruturando-se através dos elementos de uma mulher cuja natureza é ser esposa e servir ao seu marido, através do cuidando de uma casa; já a Émilie do Châtelet representa a mulher madura, que compreende suas funções como esposa de um líder político e militar, e que a partir do conhecimento e da educação transformou sua vida e todos aqueles que a rodeavam, abrindo as portas da intelectualidade feminina nas academias de ciência. A partir deste momento histórico e filosófico temos a cultura dos salões, onde a educação buscava romper os limites do conhecimento, tudo isso regido por mulheres esclarecidas que buscavam a liberdade e o reconhecimento dentro da comunidade científica.

Palavras-chaves: Natureza, feminino, iluminismo e educação.

ABSTRACT

This monograph aims to demonstrate how happened female education in the Enlightenment . Characterization of being female is still mythologized when analyzed from its essence and its nature , after all "what is a woman ? " The question raised by Elisabeth Badinter , in his book *What is a woman* , raises possibilities for research that fall about the way females should or should not be understood , observed through education and ways of being , most of the time imposed by society from the conception of an ideal woman to be produced by the whole society . By observing the relationship between history and philosophy in the Enlightenment , one realizes some important facts to understanding the status of women , especially through the eyes of the Church . In this century , the female child has charted new goals to be portrayed as a human being with strength and will , printing free will the strength of their action in society . This is where the feminine nature emerges . Will be imposed by the mold of a society governed by the customs men , is the aspect that arises between the seventeenth and eighteenth centuries mainly in France , where the female shows his intellectual capacity and his achievements in political society . By confronting roussoniana imaginary character Sophie a distinguished lady of French society Émilie du Châtelet bring to light the conflict between the ideal and the real is producing . Sophie shows us the cultural ideal , is structured through the elements of a woman whose nature is to be a wife and serve her husband , by taking care of a house ; already Émilie du Châtelet is a mature woman who understands his duties as a wife a political and military leader , and from knowledge and education transformed his life and all those around her , opening the doors of the feminine intellect in science academies . From this moment we have historical and philosophical culture of the salons , where education sought to break the limits of knowledge , all governed by enlightened women who sought freedom and recognition within the scientific community .

Keywords: Nature , feminine, enlightenment and education .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.10
1. A CONCEPÇÃO RELIGIOSA SOBRE A MULHER NO PERÍODO DAS LUZES.....	p.12
1.1 O PAPEL DA MULHER NA RELIGIÃO E NA SOCIEDADE.....	p.12
1.2 GRAÇA, A NATUREZA DA MULHER.....	p.15
1.3 O CONHECIMENTO CIÊNTIFICO AO ALCANCE DAS MULHERES...p.19	
2. ANÁLISE ENTRE SOPHIE DE ROUSSEAU E ÉMILIE DU CHÂTELET.....	p.23
2.1 EDUCAÇÃO E NATUREZA DE SOPHIE ROUSSONIANA.....	p.23
2.2 EDUCAÇÃO E NATUREZA DE ÉMILIE DU CHÂTELET.....	p.33
2.3 NOS SALÕES ROUSSEAU X CHÂTELET.....	p.40
3. A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO DOS SALÕES.....	p.44
3.1 IMPACTOS PESSOAIS NA VIDA DA MULHER ILUMINISTA.....	p.44
3.2 IMPACTOS POLÍTICOS.....	p.45
3.3 IMPACTOS SOCIAIS.....	p.46
CONCLUSÃO.....	p.52
REFERÊNCIAS.....	p.58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo mostrar como a educação feminina no século das luzes, modificou a percepção de mundo na época com a busca por conhecimentos em prol da liberdade. A educação era dividida a partir de gênero e condição social daqueles que nasciam na França. A possibilidade de ter acesso à educação modificou as estruturas da sociedade antes arraigadas na tradição.

O trabalho foi dividido em três capítulos, com três partes cada um. O primeiro capítulo, na sua primeira parte, retrata como a mudança entre a concepção religiosa sobre a mulher no período das luzes e como isso afetou os caminhos da educação, do conhecimento dos contemporâneos do iluminismo e também como isso afetou o cotidiano destas pessoas desta época na França. Isso levou a discussão sobre qual seria a natureza da mulher, uma vez que o conhecimento religioso não era mais a única fonte de conhecimento para as mulheres da época. A graça como a natureza da mulher levou a discussão que desencadeou na divisão entre natureza e questões dadas ao “belo sexo”. O tema da graça da mulher e a sua interferência na sociedade, ficou com a segunda parte do primeiro capítulo. E para fechar a mudança de concepção sobre a mulher no período das luzes, a terceira parte deste primeiro capítulo, aborda como o conhecimento científico chegou as mulheres deste período, e como elas o difundiram quanto a importância para o mundo acadêmico.

A segunda parte desta monografia, também dividida em três partes, confronta as ideias de natureza em Rousseau, com a sua personagem literária Sophie, com a natureza da Émilie do Châtelet, intelectual do século XVIII, e fornecedora de capital a alguns contemporâneos da sua época. Na primeira parte deste segundo capítulo, se faz uma análise do perfil educacional e de natureza quanto a Sophie de Rousseau, com base no livro IV da obra *Emílio* (ROUSSEAU, 1999). Na segunda parte deste segundo capítulo se faz também uma análise do perfil educacional e de natureza de Émilie du Châtelet, baseado em bibliografias e obras referentes a ela. Depois de analisar a natureza e a diferença das duas protagonistas desta monografia, o fim deste segundo capítulo do trabalho, analisa as consequências da educação voltada para os

salões franceses período iluminista, com Rousseau x Châtelet, e qual seria a eficiência de cada tipo de educação voltadas para o que acontecia na época.

O terceiro e último capítulo, também é dividido em três partes, aborda a finalidade da educação dos salões iluministas. A primeira parte deste último capítulo retrata a os impactos sociais na vida da mulher iluminista, dos papéis desenvolvidos por ela, que não deixam de lado a situação de sua natureza por conta sociedade que estava passando por uma série de transformações, por isso a importância deste ponto dentro deste capítulo. A segunda parte deste terceiro capítulo retrata os impactos políticos, uma vez que a natureza da mulher influenciou nas modificações deste período pré-revolução. A última parte deste último capítulo ilustra a situação da mulher quanto os impactos sociais, que a partir da natureza feminina mostram como a crise das amas de leite, e questões sobre a liberdade conquistada pelas mulheres, fez a diferença na busca da felicidade pessoal, e como o restante da sociedade aceitava parcialmente, ou reconhecia aos poucos, o novo posicionamento da mulher na sociedade.

No corpo da monografia a personagem de Rousseau será chamada de Sophie por uma questão de sonoridade quanto a referência francesa do nome; e nas citações de Sofia, dada a obra utilizada como referência ter traduzido desta forma.

Há no corpo da monografia a distinção de nomes de mulheres do período iluminista pelo nome próprio e algumas com a referência de Madame (senhora em francês) por estas terem sido de algum clã da época, diferente do posicionamento social de Sophie por exemplo. As protagonistas da monografia, por assim dizer, Émilie e Sophie, são chamadas por seus nomes próprios pelo fato da monografia ser um aprofundamento na questão de gênero voltada para dos séculos XVII e XVIII.

1. A CONCEPÇÃO RELIGIOSA SOBRE A MULHER NO PERÍODO DAS LUZES.

No período medieval a mulher tinha o seu lugar na sociedade ligado exclusivamente ao lar e afastada de toda possibilidade de conhecimento científico. Acreditava-se que a mulher era satanizada, onde todo o mal provinha de suas ações e pelo seu corpo, marcadamente inscrito em livros e postulações religiosas chamada de Santa Inquisição. Este tipo de pensamento interferiu na forma de educação de todas as mulheres da época, que somente no período das luzes, puderam ascender ao trabalho intelectual. As mulheres puderam mostrar as suas qualidades e perspicácia, com os vários desafios ocorridos, principalmente na questão da igualdade intelectual das mulheres, algumas meninas já não eram mais educadas em conventos, passando a ter estudos particulares, com isso a entrada em grupos de estudos, e o desenvolvimento intelectual junto as descobertas científicas da época, como a questão do fogo, desenvolvida por Émilie do Châtelet. Neste capítulo será mostrado como foi essa passagem do exílio feminino até o conhecimento refinado pelas mulheres desta época.

1.1 O PAPEL DA MULHER NA RELIGIÃO E NA SOCIEDADE.

Com a ruptura fragmentada sobre o papel desenvolvido pela mulher na sociedade, muitos tabus foram rompidos. A imagem até então clássica de natureza da mulher que servia ao homem e cuidava dos filhos, estava se modificando. No caso de qualquer mulher que não seguisse as tradições cristãs, ela era vista como pecadora, sendo assim caso ela não fosse cristã todas as possibilidades de ações virtuosas eram vistas com maus olhos no período medieval.

Existem três coisas na natureza – as Línguas, os Eclesiastas e as Mulheres – que, seja na bondade, seja no vício, não conhecem moderação; e quando os limites de sua condição atingem as maiores alturas na bondade e as mais fundas profundezas no vício. Quando governados por espíritos do bem, atingem o acme da virtude; mas quando governados por

espíritos do mal, se comprazem nos piores vícios possíveis.
(SPRENGER, 1991, p. 113.)

Considerações sobre a natureza da mulher sempre assinalavam a característica de ser inconstante e enganadora. Para toda uma sociedade a mulher não tinha justo meio para retratar e conciliar os afazeres de casa junto a sociedade. Os padrões éticos nos conventos ensinavam a mulher a ser uma boa dona de casa, comandar os serviçais, servir ao marido, e por castigo gerar e cuidar dos filhos. O grau máximo de intelectualidade ensinado dentro de um convento estava relacionado à economia doméstica. A educação feminina não era levada a sério, pois não havia lugar na maioria das sociedades, especialmente a francesa, para jovens mulheres intelectuais. Neste sistema cultural cabia às mulheres, além dos afazeres domésticos, a presença em cultos religiosos, por vezes o único contato social com outras pessoas fora de sua casa, além das visitas espaçadas de familiares e amigos, para manter o padrão social da família. A natureza da mulher realmente parecia ser enganadora, segundo Émilie du Châtelet, citada por Bodanis:

Se eu fosse o rei..., garantiria às mulheres todos os direitos humanos, especialmente os que envolvem a nossa razão. É por causa da sua falta de educação [que] elas parecem ter nascido para enganar. (BODANIS, 2012, p.58-9).

Este argumento em prol da educação coloca em cheque a questão da educação cristã:

A educação tem três objetivos: cultiva o espírito dos jovens e enriquece-o com todos os conhecimentos que eles são capazes de adquirir: dedica-se à, por assim dizer, culminar a sua obra, formando neles o cristão. (HAZARD, 1989, p. 183-4).

Qual era o objetivo da educação nesta época? Visivelmente a diferença por gênero era maior do que a por classe. Mesmo na educação eclesiástica havia diferenciação de gênero e classe, para os homens que deveriam ser iguais a classe social contava muito. Os herdeiros de Luís XV tiveram este tipo de educação que incluía história, filosofia e cálculos; porém para as mulheres a educação eclesiástica era sinônimo de clausura, e preparação para a vida matrimonial.

As punições nas escolas conventuais da elite incluíam o envio repetido e solitário de jovens para mausóleos fúnebres, escuros e asfixiantes. (Uma das filhas de Luís XV sofreu tamanhos acessos de terror ao ser forçada a fazer isso que jamais se recuperou.) (BODANIS, 2012, p. 32-3).

A enciclopédia de Diderot e D'Alembert, no verbete *Femme* (DIDEROT, 1756, p. 472-5.), levanta várias disfunções quanto a educação da mulher, e o verbete afirma que as mulheres renunciam o mundo antes de conhecê-lo. Quando as jovens eram levadas a um altar, elas não tinham a ideia do que estava a sua espera, pelo fator da convivência social ter sido negligenciada dentro do período ao qual estudavam em conventos. Após o casamento, junto a família, a mulher recebia uma nova educação com outros princípios morais.

O argumento da educação ainda agravava-se pelo fato que em comparação aos homens, mais da metade da população feminina era analfabeta. As mulheres eram ensinadas a sorrir de forma forçosa, com a teoria da tabula rasa de Locke:

O ponto de vista de Locke fazia sentido para Émilie, ao explicar como as mulheres na França moderna eram ensinadas a sorrir forçadamente e se perder na fofoca maliciosa. O “quadro em branco”... sugeria que as mulheres não precisavam ser doutrinadas daquele modo. Educação diferente ou atitudes diferentes na sociedade poderiam nos libertar dessa estreiteza. (BODANIS, 2012, p.60.)

Para muitos as mulheres não tinham finalidade alguma junto ao conhecimento, pois este servia apenas para o mundo dos homens. Portanto as mulheres passavam a se tornar autodidatas e aprenderam o poder do conhecimento através da educação básica, ao aprender a ler e escrever. Prova de que o ensino pela religião estava ultrapassado é a posição de Madame du Deffand, *sallônierre*¹ influente na sociedade francesa do século XVIII, que em sua autobiografia resume o que era chamado de uma boa educação feminina:

Uma excelente educação feminina: um ensinamento sob o signo da religião e da civilidade, das artes de salão e dos trabalhos de agulha. A criança inclinou-se sem dificuldade a esta flexível disciplina pedagógica, a não ser em um capítulo essencial – o da crença. E como a jovem ímpia chegava a

pregar a irreligião as suas coleguinhas. (DEFFAND, 1996, p. 9.)

A partir do depoimento de sua própria história, Madame du Deffand, já mostrava que a educação dada as jovens meninas nos conventos, já não servia mais para a vida social francesa, como também não cabia mais aos salões da época. Por afinidade e quase que por vocação a mulher passa a ter uma educação intelectual e artística, para torna-lá mais atraente, para atender os novos olhares da sociedade, somente o conhecimento para o lar e para o marido não lhe bastava, surgia uma nova mulher. A mulher precisava ser vista como membro ativo da sociedade, capaz de opinar sobre os acontecimentos políticos e sociais da época. Surge no período iluminista mulheres com expressão e destaque, tanto nas áreas da política e da economia como nas artes.

1.2 GRAÇA, A NATUREZA DA MULHER.

Junto ao desenvolvimento histórico, a mulher ganhou novamente lugar de destaque no meio intelectual. Assim como “as graças” do período greco-romano, as mulheres voltaram a ser objeto de inspiração para todos os amantes das artes, ou seja, tornaram-se verdadeiras musas.

A partir delas só se pode obter este dom, sem o qual todos os outros são inúteis: eu quero dizer o dom de agradar. Além disso, entre tantas deusas do paganismo, não houve outros que atraíram um maior multidão de admiradores. Todas as condições de um e outro sexo, todas as profissões, todas as idades que lhes são dirigidas seus votos e apresentado a eles um pouco de incenso. Toda ciência e toda arte em particular, tinha a sua própria divindade tutelar, mas todas as artes e todas as ciências reconheceu o império das graças. Os oradores, os historiadores, os pintores, escultores, músicos e geralmente todos aqueles que buscavam a merecer reconhecimento público, só podia prometer-se um sucesso feliz na medida em que poderia adquirir a favor das Graças. (DIDEROT, 1765, volume 17, p.796–798).²

A comparação entre as mulheres e as graças no período iluminista se confirma com o registro da obra de Starobinsk. Ele atrela a relação entre a mulher e este

novo conceito do seu papel na sociedade francesa: “a ondulação da graça confessa sua essência feminina e dançante” (STAROBINSK, 1994, p.33).

As mulheres e a tendência estética do estilo rococó do século XVIII, o favorito desde as vestimentas até a arquitetura entre outras obras de arte, mostravam como as formas inspiradas nas mulheres, por suas formas corporais como, seios e quadril, traziam o enriquecimento da cultura a partir do minimalismo, inspirado nas mulheres e a sua beleza, que por muitos era dada como natural. Na obra de Starobinsk fica clara a motivação pelo belo feminino, exposto nas obras de arte do século XVIII; são virgens, deusas, mulheres simples e damas da sociedade que comoviam o prazer estético do período iluminista. A admiração pelas mulheres mostra a mudança de pensamento do período das trevas para o iluminismo. A natureza da mulher entra em questão em todas as áreas do conhecimento, assim como as graças da mitologia greco-romano, levando a refletir sobre qual seria a sua verdadeira natureza da mulher. Uma vez que a religião passava a mistificar o feminino, vários pensadores dos séculos XVII e XVIII mostraram que as mulheres da época eram muito mais do que preciosas ou a forma pejorativa conhecida como belo sexo.

A entrada pela porta da frente das mulheres como seres de opinião, levantava questões sobre o seu íntimo e suas intenções. A ambição continua sendo uma das marcas da natureza feminina, porém com o refinamento através do luxo, deixou de ser visto como um pecado, pois nesta época o refinamento era desejável.

As mulheres contribuem essencialmente para a celebridade, e ele não as possui. Sem os favores das mulheres, não há grandes reputações literárias no século XVIII. (CLERMONT-FERRAND APUD BADINTER, 1991, p.12).

O Abade Antoine Léonard Thomas, em meados do século XVIII, iniciou a discussão sobre O que é uma Mulher, este tema foi debatido entre o Abade Thomas, Diderot e Louise d’Epinay, em uma pesquisa que mostrou três pontos de vista diferentes, pesquisados e publicados por Elisabeth Badinter, onde o tema principal gira em torno do relato que fala sobre o gosto das mulheres e sua formação lenta, e como a natureza feminina e a graça estão ligados.

Abade Thomas, tem em sua narrativa no capítulo intitulado *As preciosas*, a movimentação do conhecimento em torno do ser feminino, que por suas atitudes levava o mundo dos homens a compreender expressões pessoais, não ligadas aos afazeres domésticos, mas as artísticas e estudos científicos provindos de aulas particulares, estes eram muito admirados, embora as preciosas não eram tão bem entendidas quanto as *sallònieres*, que conheciam as artes por meio da sua educação voltada para o conhecimento científico. Muitos foram os homens que reconheceram a graça como essência da natureza feminina, assim como Abade Thomas, citado no texto de Badinter:

A maioria dessas mulheres foram celebradas por poetas que, para agradar-lhes, sabiam adotar o tom delas.[...] Mas La Fontaine, mais sensível e mais doce, louvou quase todas as mulheres da corte, célebres por suas graças ou seu espírito. Ele tinha uma alma feita para cantá-las. [...] sentia por instinto as graças nas mulheres, assim como as encontrava por instinto em seus versos. [...] Racine [...] Quinault [...] também celebrou todas. [...] Fléchier e Bousset imortalizaram algumas delas. Celebraram virtudes, como os outros celebram as graças. (ABADE THOMAS APUD BADINTER, 1989, p. 105-6.)

As mulheres têm como virtude, a sua graça, signo do belo e do conhecimento. Outros registros também corroboram no sentido da natureza das mulheres, no ato de inspirar o conhecimento, como em *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos* sobre a marquesa protagonista: “E acima de tudo, pudesse ela ter em sua conversação os mesmos atrativos, tenho certeza de que todos iriam correr atrás da sabedoria.” (FONTENELLE, 1993, p 43.) Na introdução do texto apresenta as reflexões sobre a capacidade de aprender das mulheres:

Introduzi nesses diálogos uma mulher que está sendo instruída, sem nunca ter ouvido falar de tais coisas. [...] para encorajar as senhoras com o exemplo de uma mulher que, nunca ultrapassando os limites de uma pessoa sem qualquer tintura científica, [...] solicito das damas não mais do que o esforço que se deve dedicar a princesa de Clèves, para bem seguir o enredo e captar toda a sua beleza. (FONTENELLE, 1993, p.39.)

O interesse dos homens em instruir as mulheres no conhecimento científico, foi um movimento iniciado por Descartes, em suas cartas trocadas com a

rainha Christina I da Suécia. A partir de então a erudição feminina foi posta em questão, pois aparentemente o destino da mulher sempre esteve determinado e sua genialidade, que parecia ter outra fonte:

A natureza da mulher, e a genialidade que implica, é mais facilmente apreendida que a do homem, por causa de sua organização física. Os seios e o útero determinam seu destino. Sua finalidade aparece de pronto: parir e proteger. O homem, por tanto, é pluridimensional, mais livre também em suas escolhas. Se a reprodução escapa, em compensação, a criação lhe pertence. Pensando desta forma, em termos de “natureza” e de “finalidade”. (BADINTER, 2003, p.27-8).

Se a natureza tem sempre sua finalidade, a mais óbvia para a mulher viria do seu ventre. A observação de uma natureza determinando os destinos da mulher levava a crer que o mesmo habitaria no corpo da mulher, a reprodução. O filósofo Diderot, após o amadurecimento de sua filha, passou a escrever sobre as mulheres e sua fisiologia, considerando de que a mulher é um ser de paixões e de emoções, comandada por seu útero, e que todo o resto deduz-se a partir disso. Ou seja, seria o útero que constituiria sua essência, seus pensamentos e suas experiências. Diderot também afirma que este órgão invisível é a origem de todos os males, inclusive do lugar pouco invejável na sociedade.

Por que o caráter? Porque, segundo Diderot, a época das primeiras regras é “o instante crítico em que uma jovem se transforma naquilo que será durante toda a sua vida – penetrante ou estúpida, triste ou alegre, séria ou leviana, boa ou má”. (DIDEROT APUD BADINTER, 1991, p. 26).

O conhecimento levado às meninas para se tornarem jovens intelectuais movimentaram os aspectos pedagógicos no iluminismo. A educação nunca fora tão exaltada para a formação das jovens damas da sociedade. Aulas de línguas, história, geografia e matemática ocuparam a formação feminina no século das luzes. A beleza, fruto de inspiração e graça nas mulheres, agrega outros fatores, principalmente a erudição que torna-se um atrativo a mais no despertar das mulheres para o mundo, com a entrada para o universo científico e também as conversas de salão.

A graça como a natureza feminina seria toda a fonte de inspiração a partir de sua essência como ser humano. A beleza natural das mulheres inspirava a todos da mesma forma desde o período greco-romano, e reafirmado no século XVIII pelo verbete *Les Graces* da enciclopédia (DIDEROT, 1765, volume 17, p.796–798). A inspiração natural pela busca de novos saberes, viria junto aos clássicos do conhecimento, que pelas mulheres e sua graça, fazia parte dos seus sentidos a partir da intuição, fazendo-as descobrir o novo pela natureza da graça, inspirando, buscando e construindo novos saberes.

Neste momento na história e na filosofia surgem os primeiros pedagogos e enciclopedistas, a importância destes para o novo posicionamento social da mulher, por serem referência quanto a educação de crianças e pesquisadoras do conhecimento posto ao alcance de todos por publicações de folhetins, enciclopédias, livros e dicionários.

A natureza parece ter conferido aos homens o direito de governar. As mulheres recorreram à arte de libertar-se. Os dois sexos têm abusado reciprocamente as suas vantagens, da força e da beleza. DIDEROT, 1756, p.472-5.³

Muitas dessas publicações e atos educacionais, como a criação de escolas públicas, foram sugeridas por Diderot, e postas em prática pela Rainha Catarina II, da Rússia no século XVIII.

1.3 O CONHECIMENTO CIÊNTIFICO AO ALCANCE DAS MULHERES.

Ao se pensar em fatores educacionais, como já foi dito anteriormente nesta monografia, a diferença entre meninos e meninas, quanto a intelectualidade e função social eram estabelecidos desde cedo. Assim como todas as pessoas, independente de gênero, a educação culminava o precedente das ações, movimentando toda uma sociedade.

O conhecimento científico chegava às mulheres no período iluminista por incentivo da família, ou dos pais, na infância; ou após o casamento, com o apoio do marido, ou amante, já na fase adulta de suas vidas. Sem haver este tipo de iniciativa familiar, a criança nascida no gênero feminino, ou na vida adulta, a mulher era vista com maus olhos pela sociedade. O fator da educação

científica para o gênero feminino tinha motivação externa, mas principalmente pessoal, vinda dos agentes citados acima.

Émilie tinha pouco mais de dez anos, e seu pai autorizava a permanecer no salão quando recebia alguém. Fontenelle não desdenhava em lhe explicar certos trechos de sua obra-prima, Diálogos sobre a pluralidade dos mundos. [...] Foi graças as confidências do Barão de Breteuil Voltaire que estamos bem mais informados sobre a educação de Émilie. [...] o Sr. De Breteuil, que falava muito livremente com a filha, gostava de evocar diante dela o gênio do poeta e sua admiração por ele. [...] Impressionados pela austeridade, a precocidade e o amor aos estudos de sua filha, os pais quiseram encorajar o desenvolvimento de sua inteligência. (BADINTER, 2003, p. 64-5).

Quando crianças, os pais se orgulhavam de ter um pródigo na família, estimulando ao nível de adestramento para apresentação, pois a criança era vista como um adulto em miniatura, como motivo de orgulho familiar, sem se importar com os preconceitos sociais da época. Por este fato, quando havia a negação deste tipo de conhecimento na infância, motivava as mulheres em idade adulta a buscar a erudição, pois se encontravam na liberdade social depois de um casamento, como se refere no verbete *Femme* da Enciclopédia:

As mulheres que renunciaram ao mundo antes de conhecê-lo são acusadas de inculcar princípios em quem deve viver nele. É por isso que muitas vezes uma jovem é levada diante do altar a fim de tomar juramento aos deveres que ela não entende, e unir-se para sempre a um homem que ela nunca viu. Mais muitas vezes ela é chamada de volta para sua própria família para receber uma segunda educação que inverte todas as idéias do primeiro, e que se concentra mais em maneiras que na moral, trocando continuamente mal cortado ou mal escolhido diamantes de pedras fundamentais. (DIDEROT, 1756, volume 6 (1756), p. 472-475).⁴

O conhecimento científico possibilitava um grau diferente de reflexão sobre os acontecimentos locais e regionais, as mulheres em fase adulta se destacaram no início de suas carreiras intelectuais, e se consagraram na história como tradutoras, em sua grande maioria. Mas a reflexão sobre o mundo era mais profunda, ao relacionar a vida pessoal com a sociedade. Mulheres como Françoise d'Issembourg d'Happoncourt, conhecida como madame de Graffigny, viúva de um marido violento e sem dinheiro encontrou no conhecimento artístico uma forma de sobreviver a partir do teatro e de escritos literários;

Madame du Bocagge, foi reconhecida na Academia de Rouen em 1746, através da influência dos amigos da família, nesta época ela era casada e tinha 36 anos; Louise Florence Pétronille Tardieu d'Esclavelles, Madame d'Épinay, filósofa, jornalista do *Mercure Frânces* e pedagoga, iniciou sua carreira ao ter como amante o escritor Grimm; Marie-Geneviève-Charlotte Darlus, Madame Thiroux d'Arconville, se casou aos 14 anos, literária, tradutora e química, frequentava os Jardins do Rei; Nicole-Reine Etable de La Brière, teve acesso ao conhecimento científico por intermédio dos pais, foi a primeira mulher cientista da França a assumir o título de acadêmica, seus últimos trabalhos seguiram de 1754 até o início da década de 1780 (BADINTER, 2007, p. 191-202).

O pensamento feminino científico e filosófico passa por dois marcos; a visão dos homens sobre as ideologias das mulheres; e como as mulheres interagiram na sociedade principalmente do século XVIII. Para isso se tem como referência Sophie de Rousseau e Émilie du Châtelet, para aprofundar a forma de socialização e a condição da educação e a natureza feminina no século das luzes.

NOTAS

¹ Sallônierre: mulher influente no meio intelectual, a qual nos salões de sua residencia recepcionava, oferecia um banquete e dava início aos temas debatidos entre os intelectuais presentes em sua casa. Normalmente estes eventos aconteciam a noite. Alguns destes pensadores normalmente eram financiados por estas mulheres.

² From them alone can one get this gift, without which all the others are useless: I mean the gift of pleasing. Moreover, among so many goddesses of paganism, there were no others who drew a greater crowd of admirers. All the conditions of the one and the other sex, all the professions, all the ages addressed to them their vows and presented to them some incense. Every science and every art in particular had its own tutelary divinity; but all the arts and all the sciences recognized the empire of the graces . The orators, the historians, the painters, sculptors, musicians, and generally all those who sought to deserve public acclaim, could only promise themselves a happy success insofar as they could acquire the favor of the graces.

³Nature seems to have conferred upon men the right to govern. Women have had recourse to art to free themselves. The two sexes have reciprocally abused their advantages, of force and of beauty. (DIDEROT, 1756, p.472-5)

⁴ Women who have renounced the world before knowing it are charged with inculcating principles in those who must live in it. This is why so often a young girl is led before the altar in order to take oaths to duties that she doesn't understand, and to be united forever to a man whom she has never seen. More often she is called back to her own family to receive a second education which reverses all the ideas of the first, and which focuses more on manners than on morals, exchanging continually poorly cut or poorly chosen diamonds for foundation stones.

2. ANÁLISE ENTRE SOPHIE DE ROUSSEAU E ÉMILIE DU CHÂTELET.

Ao se pensar no perfil das mulheres do século das luzes, deve-se levar em consideração o fato das classes sociais serem bem definidas: o povo, os burgueses e os nobres. Jean Jacques Rousseau, ao se pronunciar sobre a educação em geral e restrita, elabora uma mulher de nome Sophie, com o perfil da heroína de *Emílio ou da educação* (1762): um livro escrito para os nobres, porém com princípios morais geralmente encontrados nos populares. Em contrapartida, temos o exemplo de Émilie du Châtelet (1706 – 1749), que foi ícone de seu tempo, tanto pela posição social que ocupava, marquesa e esposa de um general do exercito, quanto pela influência na área do conhecimento, como tradutora, pensadora e cientista da época. Dificilmente se poderia comparar estas duas figuras levando em conta sua importância educativa e social, porém, pode-se analisar o perfil de ambas para se propor uma reflexão sobre a educação feminina, baseada na natureza, no século das luzes. Tendo estes fatos históricos colocados em questão, a proposição em analisar qual a influência destes dois tipos educativos, suas naturezas distintas, uma real outra imaginária, porém que influenciaram todo o percurso de uma educação feminina a partir do iluminismo, e que são pontos de partida para a educação do século XIX e XX.

2.1 EDUCAÇÃO E NATUREZA DA SOPHIE ROUSSONIANA.

Como já foi dito anteriormente, Sophie é uma personagem fictícia, é descrita como a mulher perfeita para Emílio, o homem bem educado de Rousseau, porém mesmo sendo uma obra de ficção, em alguns momentos o autor sugere que Sophie possa ter existido:

Se eu lhes dissesse que Sofia não é um ser imaginário, que só o seu nome é de minha invenção, que sua educação, seus costumes, seu caráter e até seu rosto realmente existiram, e que sua memória ainda custa lágrimas a toda uma família decente, sem dúvida não iriam acreditar. (ROUSSEAU, 1999, p. 562-3.)

Esta jovem de natureza ímpar, inventada ou não, influenciou a educação de várias outras meninas não só no século das luzes, mas principalmente no do século XIX. Esta educação influencia a elaboração do conceito de natureza feminina, como aquela que por natureza já estava destinada a representar um papel, o de mãe e esposa. A essência e o espírito feminino clamavam a partir das postulações pedagógicas de Rousseau. Levando em consideração que os meninos e meninas eram educados de forma diferente, pois quando as meninas aprendem as mesmas coisas que os meninos, por exemplo ao aprender a falar e conversar com outras pessoas, tornam-se mais instrumentalizadas, pois usavam ainda a graça para obter vantagens. Tendo a convicção de que o corpo nasce antes da alma; a primeira cultura deveria ser a do corpo.

Já que o corpo nasce antes que a alma, a cultura deve ser a do corpo: essa ordem é comum aos dois sexos. Mas o objetivo de tal cultura é diferente; num caso é o desenvolvimento das forças, no outro, é o desenvolvimento dos atrativos. Não é que essas qualidades devam ser exclusividade de cada sexo, apenas a ordem é invertida; é preciso que as mulheres tenham muita força para fazerem graça com tudo o que fazem; é preciso que os homens tenham muita destreza para fazerem tudo o que fazem de modo agradável. (ROUSSEAU, 1999, P. 502-3).

O desenvolvimento de saberes nas crianças do gênero feminino, segundo Rousseau, deveriam sempre ser voltados ao conhecimento do mundo dos homens. Uma educação submissa estaria de bom tamanho, dentro da cultura e da tradição. Em momento algum as meninas deveriam ter as mesmas atividades que os meninos, uma vez que o lugar das mulheres seria ao lado do homem, o fazendo feliz, e não sendo feliz por si só. Aos olhos do pensador, “o macho só é macho em certos instantes da vida, a fêmea é fêmea a vida toda”. (ROUSSEAU, 1999, p.496.) O problema debatido no capítulo Sophie ou a Mulher se destinaria a reger as diferenciações e equilibrar os poderes. O talento natural das mulheres que têm a sua graça natural, que aprenderiam as coisas por gosto e, ao executa-las, usariam toda sua força e natureza para desenvolve-las, estaria no centro das preocupações de Rousseau. A questão não é se Sophie sabe mais ou menos que Emílio, mas sim de que ela não

utilizaria seus atributos naturais para se sobrepôr a Emílio, pois na época a qual Rousseau escrevia sua obra, as mulheres já se mostravam mais eruditas, aparentemente em conformidade com as necessidades dos novos tempos.

A partir deste ponto de vista, uma educação submissa seria interessante para aqueles que mantinham a tradição cristã, por exemplo. No entanto, a influência medieval e religiosa, mantém na educação roussoniana em relação ao corpo da mulher, ainda com um olhar de temeridade:

Uma moça sábia e piedosamente educada tem sem dúvida fortes armas para resistir às tentações. [...] Nunca uma jovem e bela moça desprezará seu corpo, nunca se afligirá de boa fé com os grandes pecados que sua beleza ocasiona; nunca chorará diante de Deus por ser um objeto de desejo; nunca poderá crer intimamente que o sentimento do coração seja uma invenção de Satã. [...] seu corpo como mácula do pecado, fizeram-na em seguida respeitar como o templo de Jesus Cristo o mesmo corpo que lhe pintaram como tão desprezível. (ROUSSEAU, 1999, p. 547.)

Os mesmos argumentos quanto à utilização do corpo feminino aos desígnios do desejo, mantém a intenção de que ele deva ser controlado e purificado. A piedade e a temeridade corroboram com o texto do livro *Malleus Maleficarum* utilizado no período da Santa Inquisição. Para tentar os homens de bem a se renderem aos desejos e utilizarem de seu livre arbítrio, para se renderem aos íncubos, que seriam mulheres que copulavam com o demônio:

Willian de Paris ressalta que os Íncubos parecem molestar sobre tudo as mulheres e meninas de lindos cabelos; ou porque muito se dedicam ao cuidado dos cabelos, ou porque assim pretendem excitar e instigar os homens, ou ainda porque gostam de se vangloriar futilmente a respeito, ou mesmo porque Deus na Sua bondade permite que assim seja para as mulheres passem a ter medo de instigar os homens exatamente pelo meio que os demônios gostariam que elas instigassem. (SPRENGER, 1991, p. 325).

Em ambos os casos, acreditava-se que a mulher teria a intenção de usar a beleza para enlouquecer os homens; já que os homens possuem a força, as mulheres têm a beleza, e estes traços seriam aflorados desde a infância. Toda a mulher usaria de sua graça natural para fortalecer o homem que escolheu. Segundo Rousseau, a graça feminina seria apenas um subterfúgio chamado de

amor-próprio junto ao desejo para fazer o homem aspirar grandezas e novos horizontes, sempre com o argumento da natureza, como se fosse parte da arte feminina. Esta arte moveria os homens pelos encantos femininos, fazendo-os suas vítimas. Todas as mulheres, entretanto, sofriam de desejo por necessidade, seja em aspectos espirituais ou intelectuais, sendo que o desejo seria superior a boa vontade feminina.

No caso “Sophie ou a mulher”, o jogo se daria em estabelecer a própria vontade feminina, e por natureza, que estaria destinada em agradar e ser subjugada pelo homem, ela deveria resguardar-se de provocá-lo, minimizando a natural violência masculina. Assim, seus encantos seriam irresistíveis, pois ao mesmo tempo sucumbe aos desígnios de sua natureza, a submissão ao homem, e controla a impetuosidade masculina em relação a seu corpo.

A educação feminina para Rousseau deveria ter alguns cuidados. Aquilo que se conceitua como graça, ele toma por faceirice, mas delega um tom negativo em relação a natureza feminina. Considera como faceirice: ser engraçada, saber dançar e cantar, que no contexto social é importante para que não sejam consideradas como donas de casa insuportáveis, aborrecidas e resmungonas, para que a vivência matrimonial seja agradável. Porém Rousseau pensa de outra forma:

Oferecei sem escrúpulos uma educação de mulher às mulheres, fazei com que gostem dos trabalhos do seu sexo, com o que tenha modéstia, saibam zelar por seu lar e cuidar da casa; o cuidado excessivo com a beleza desaparecerá por si mesmo e elas só se vestirão com um gosto melhor. (ROUSSEAU, 1999, p. 515).

Sem muitos enfeites e modéstia, pouco a pouco o modelo ideal do gênero feminino em Rousseau iria se formando, sempre com muito cuidado para que as meninas não se deixassem iludir pelos enfeites do luxo. A educação das meninas estaria toda voltada para parar a tagarelice própria das mesmas, a partir de um espírito que anima e renova os sentimentos. Outro fator pertinente à natureza feminina para Rousseau seria a língua flexível. Por terem maior facilidade de falar que aqueles do gênero masculino, teriam mais talento para agradar a partir da fala, que ocupa o primeiro lugar na arte do coquetismo. A partir da idéia de coquetismo somam-se novos encantos, reforçados pelos

hábitos que acostumam os sentidos. Segundo Rousseau, as mulheres colocam ênfase em suas palavras, mesmo antes de senti-las, falando coisas sem saber o sentido, sem penetrar o domínio do conhecimento, falam apenas para agradar os outros. Portanto, a polidez feminina seria mais carinhosa, diferente da masculina que seria mais obsequiosa, e isso se daria muito mais pela diferença natural entre os sexos que pela educação. As perguntas das mulheres deveriam ser respondidas de forma hábil, sem deixar espaços para mais perguntas. Segundo a tese roussoniana, as meninas aprendiam as letras com mais relutância, mas em contrapartida, aprendiam de boa vontade os afazeres manuais da casa. Segundo ele, a primeira letra aprendida deveria ser o “O” pelo movimento do cozinhar e mexer em panelas, assim como as lições de moral que seriam dadas pela vida, consistindo na glória e na felicidade da mulher. A natureza feminina, a partir da educação repassada de mãe para filha, tal como um ciclo da vida, seja na questão da procriação, seja pela primeira lição virtuosa aprendida, o prazer pelos afazeres domésticos e familiares. Segundo a proposta educacional de Rousseau, o que poderia trazer a maior felicidade para uma mulher seria manter a casa limpa e com o devido asseio para receber o homem.

Uma moça deve ter por diversão apenas o trabalho e a oração.[...] Acho que se deve respeitar o que convém à idade e ao sexo, que uma menina não deve viver como sua avó; ela deve ser viva, alegre, engraçada, cantar, dançar tanto quanto quiser e saborear todos os inocentes prazeres de sua idade; não tardará o tempo de ser séria e assumir uma postura mais grave. [...] Mas será real a necessidade dessa mudança? Não será talvez fruto de nossos preconceitos? [...] De tanto exagerar todos os deveres, o cristianismo torna-os impraticáveis e vãos; de tanto proibir às mulheres o canto, a dança e todas as diversões do mundo, torna-as aborrecidas, resmungonas e insuportáveis donas de casa. (ROUSSEAU, 1999, p. 516-7.)

O trabalho é sempre ligado a casa, e as orações por vezes em casa, e por outras na Igreja. A partir desta visão a felicidade da mulher estaria ligada à seu lar e não a conhecer as verdades do mundo a partir do conhecimento científico, isto não seria uma possibilidade.

O essencial é sermos o que a natureza nos fez; somos sempre até demais que os homens querem que sejamos. A busca das verdades abstratas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar não é da alçada das mulheres, pois todos os seus estudos devem se ligar a prática; cabe a elas fazer a aplicação dos princípios que o homem descobriu [...] Todas as reflexões das mulheres naquilo que não diz respeito imediatamente a seus deveres devem visar ao estudo dos homens [...] elas tampouco têm justeza e atenção bastantes para serem bem-sucedidas nas ciências exatas; e, no que se refere aos conhecimentos físicos, cabe ao mais ativo dos dois sexos, ao mais dinâmico, que vê mais objetos, cabe ao que tem mais força e que mais exerce examinar as relações entre os seres sensíveis e as leis da natureza. A mulher é fraca e nada enxerga fora de si, aprecia e julga os motivos que pode utilizar para suprir sua fraqueza, e esses motivos são as paixões do homem. [...] que ela estude a fundo o espírito do homem. (ROUSSEAU, 1999, p.539).

Mais uma vez, a natureza da mulher aspiraria em colaborar junto a natureza do homem como uma única função. Ainda em relatos sobre a educação e natureza, a mulher deve ouvir e falar pouco, ter orgulho de seu marido acima de todas as coisas, e com ele aprender. O ser feminino deveria agradar o ser masculino acima de todas as coisas:

É preciso que aprenda a compreender seus sentimentos [...] ela seja capaz de oferecer-lhes os sentimentos que agradam a eles, sem nem mesmo parecer ou estar pensando nisso. Eles filosofarão melhor do que ela sobre o coração humano, mas ela lerá melhor do que eles no coração dos homens. Cabe às mulheres encontrar, [...] a moral experimental, e a nós reduzi-las ao sistema. A mulher tem mais espírito, e o homem tem mais gênio, a mulher observa e o homem raciocina. (ROUSSEAU, 1999, p. 540).

A questão da moral, do gênio e da racionalidade, permeou quimeras do iluminismo, afinal a quem caberia tais coisas? a todos ou somente a homens de bem? Ter uma moral reta levaria a iluminação do ser pela sua racionalidade. Para Rousseau as mulheres não possuíam esta habilidade que infere ao espírito, pois elas mal conseguiam desenvolver suas funções dentro de casa, por serem viciosas e inconstantes, utilizariam da falsidade para conseguirem aquilo que buscam. Portanto, as mulheres seriam virtuosas apenas se ao estudar buscassem conhecer a natureza dos homens.

Apesar da má educação das meninas, várias delas ainda conseguem conservar um julgamento sadio [...] quando ele não tiver sido alterado por ensinamentos viciosos? Pois tudo consiste sempre em conservar ou recuperar os sentimentos naturais. [...] Mostrei-lhes nos próprios deveres a fonte de seus prazeres e o fundamento de seus deveres. [...] Seu domínio começa com suas virtudes; mal se desenvolvem seus atrativos e ela já reina pela doçura. (ROUSSEAU, 1999, p. 544).

Rousseau em momentos diferentes de sua obra cita quais seriam os perfis desejados por um homem com a natureza de Emílio; citando como em certos locais a cultura influência nos hábitos das mulheres de forma positiva, mas ao retratar a educação de uma mulher em sua pedagogia, os elementos locais culturais citados não caberiam em uma educação. Por que em sua pedagogia Rousseau não incluiu estes fatores locais na educação feminina. Quais seriam esses atrativos a serem educados aos Emílios? Qual seria a diferença das futuras Sophies, cultas e com atrativos sexuais? Será que estas qualidades apreciadas em culturas diferentes interfeririam na educação proposta as nobres francesas? Na citação acima Rousseau fala de vícios, e talvez seja uma resposta para não utilizar os fatores culturais junto a sua proposta de nova educação, dado ao fato de toda a sociedade francesa, neste caso, ter a sua cultura influenciada pelo cristianismo; e a cultura inglesa e albanesa se faziam diferentes por ter culturas religiosas diferentes e distintas do cristianismo, no caso a cultura religiosa inglesa tinha a influência protestante, e a cultura religiosa albanesa tinha a influencia mulçumana.

Tanto fizeram para impedir que as mulheres fossem atraentes, que tornaram os maridos indiferentes. Isso não deveria acontecer; [...] Quanto a mim, gostaria que uma jovem inglesa cultivasse os talentos apazíveis para agradar ao marido com o mesmo esmero que uma jovem albanesa cultiva-os no harém de Ispahan. (ROUSSEAU, 1999, p. 517)

Outro fato já comentado, é a questão da educação protestante ser mais eficiente do que as dos conventos cristãos. Mas por que Rousseau faz esta diferenciação com questões culturais e sexuais, parecendo admirá-las, e mais

adiante insiste que a mulher seja recatada e aceite o homem como um todo? Em vícios e virtudes? Por que as futuras Sophies deveriam ser só virtudes? Por que Sophies não poderiam ter vícios?

Rousseau sugere que a docilidade feminina e o coquetismo recatado como decentes, porém todos os demais, até os ensinados no convento, são indecentes. A moça amável e séria, a qual o pensador descreve, deve falar pouco e escutar pouco, ser decente e honesta. A heroína Sophie, agüenta todos os desafios propostos ao seu sexo, uma boa dona de casa, que não possuía nenhum gosto extremado pela sua fisionomia; pelo contrario, de forma física corpulenta e com um rosto não tão chamativo. Enfatiza que o que deveria parecer é a sua boa alma, feita para agradar e não envergonhar sua família, para ficar em casa e gerar bons filhos. A partir deste comentário, Rousseau segue a descrição de mulheres de diversas etnias, pondera a comparação das jovens, por exemplo, da inglesa culta e a albanesa, com fetiches sexuais no harém de Ispahan. Estas conceituações seriam fascinantes no intuito de juntar todos estes talentos para alguém como Emílio. Já que para tal a submissão cairia bem:

Ela não carece totalmente de caprichos [...] Quando a punem, é dócil e submissa, e vemos que sua vergonha não provém tanto do castigo quanto do erro. [...] Ela suporta com paciência os erros dos outros e concerta com prazer os seus. A mulher foi feita para ceder ao homem e para suportar até sua injustiça. (ROUSSEAU, 1999, p. 554).

Seria da natureza da mulher, segundo Rousseau, aceitar os homens, com seus vícios e virtudes; e segundo sua proposição na boa educação feminina a mulher não teria vícios, precisamente por não serem aceitos pela sociedade. Em contrapartida, a mulher naturalmente teria a capacidade de julgar, porém apenas o que está ao seu alcance, pois sendo elas juízas naturais do mérito dos homens, no entanto só poderiam saber o que é certo ou errado a partir do conhecimento que os homens repassavam a elas. Mas por que os fatores de hábitos locais, como a cultura e os fetiches sexuais não eram repassados dos homens para as mulheres, segundo a proposta educacional de Rousseau? Caberia dizer que os votos de obediência e castidade eram repassados com a maior verossimilhança em uma França onde estes valores já estavam

ultrapassados. Pelo afrouxamento moral e dos costumes, principalmente relativos ao sexo, Rousseau prefere afirmar que seguir a moda era um erro. Portanto, para ele as informações que as mulheres obtinham através do conhecimento, ou seja, tudo que estava a seu alcance, seja por jornais, magazines e livros, seria um grande erro na educação feminina voltada para agradar o marido. O conhecimento do mundo a levaria a ver a realidade de outra forma, possivelmente outras opções ao trabalho feminino que a administração do lar. Ao invés disso Rousseau, por meio de sua pedagogia, pregava uma clausura tão grande quanto a dos conventos criticados por ele, pois buscava manter todas as meninas e moças na ignorância, explicitando que o conhecimento da religião e das ciências fariam os relacionamentos entre homens e mulheres ficarem insuportáveis.

Uma mulher intelectual é o flagelo de seu marido, de seus filhos, de seus amigos, de seus empregados, de todo mundo. [...] De fora ela é sempre ridícula e criticada com muita justiça, porque não se pode deixar de ser ridículo quando se sai de sua condição e não se foi feito para aquela que se quer adquirir. Todas essas mulheres de grande talento se impõe aos tolos. [...] Toda essa charlatanice é indigna de uma mulher de bem. [...] Sua dignidade é ser ignorada; sua glória está no apreço de seu marido; seus prazeres estão na felicidade da família. [...] Toda moça letrada permanecerá solteira a vida toda enquanto só houver homens sensatos na terra. (ROUSSEAU, 1999, p. 574).

Os argumentos de impacto em sua obra influenciaram na educação feminina do porvir, ser infeliz por ter conhecimento, por não ser casta ou por vontade de conhecer o mundo, seria pior do que não ter um homem para constituir família.

O choque de suas palavras na sociedade iluminista fizeram a sua obra educacional não ter o prestígio ao qual o autor esperava. Tal manifestação fez alguns de seus amigos manifestarem-se a favor da emancipação do conhecimento feminino e a tecerem comentários vorazes sobre a sua obra, alguns até desfazendo a amizade. Como foi o caso de Louise d'Épinay (escritora, patrocinadora de um famoso salão literário e construiu *La Chevrette* em sua propriedade, local onde Rousseau chamava de "Ermitário"), que abrigou Rousseau em sua casa antes dele escrever a obra *Emílio*. Temas políticos e educacionais movimentavam o salão, e influenciaram Rousseau

escrever a obra. Após a publicação de *Emílio*, Louise d'Epinau criticou suas idéias de educação quanto as mulheres:

Verdadeira pedagogia da submissão feminina, o tratado de Rousseau, que tem por título o nome de um homem, não constitui somente uma paralisação no longo processo de emancipação das mulheres: ele simboliza um autêntico retrocesso. (EPINAY APUD BADINTER, 2003, p. 371).

Badinter referenda que a tese *anti-Sophie* de educação feminina seria a fonte de felicidade para as meninas, que se tornariam futuras mulheres, pois esta libertação contribuiria para compreender o que acontecia na época. A filósofa Elisabeth Badinter, estudiosa em assuntos femininos critica a obra como sendo mais radical do que os conventos quanto ao nível de enclausuramento sugerido por Rousseau. Mesmo a obra tendo trazido a tona discussões sobre a educação, muitas mulheres ainda eram educadas na clausura. A revolta à tais noções pedagógicas seriam o ponto de partida para a compreensão de que a educação não poderia mais ser ministrada desta forma às mulheres. A igualdade intelectual é posta a prova e defendida por Madame d'Epinau, propondo uma nova pedagogia feminina, em sua obra *Conversações de Émilie*.

Quando vós vos empenheis em cultivar vossa razão, diz ela a Émilie, em orná-la com conhecimento úteis e sólidos, estais abrindo para vós mesma tantas novas fontes de prazer e de satisfação, tantos meios de embelezar vossa vida, de ter recursos contra o tédio e consolo durante adversidade, quanto conhecimentos e talentos. São bens que ninguém pode roubar-vos, que vos livram da dependência dos outros [...] que, ao contrário, tornam os outros dependentes de vós; pois quanto mais talentos e luzes temos, mais nos tornamos úteis a sociedade [...]. Muito claramente, eis as vantagens: liberdade e força. (LES CONVERSATIONS D'ÉMILIE, 12ª CONVERSAÇÃO, TOMO II, P. 222-3, APUD BADINTER, 2003, p. 377-8).

A discussão do papel da mulher junto à sociedade é exposta, afinal qual seria sua utilidade além de permanecer dentro de casa servindo a família? Quais contribuições Sophie poderia dar para a sociedade? Somente para servir a Emílio como parte de seu amadurecimento moral? Estas questões permeiam os questionamentos sobre a educação feminina e os fundamentos filosóficos e antropológicos que as sustentam. Pois está em questão a finalidade do espírito da mulher, que para Rousseau está ligado a sua natureza, que é servir o

homem acima de todas as coisas e contribuir para a sua evolução. A felicidade feminina seria reduzida ao ócio e as atividades do lar, assemelhado a um cárcere privado. Para a sociedade, a mulher com uma educação natural contribuiria para manter os laços morais e servir a procriação de crianças, de preferência do gênero masculino, para dar continuidade a família e ao nome de seu clã. Uma boa Sophie, que pouco escutava e pouco falava, não colocaria a sua opinião nem junto nem a frente de qualquer homem, por educação e por natureza.

2.2 EDUCAÇÃO E NATUREZA DE ÉMILIE DU CHÂTELET.

Émilie du Châtelet, ao contrário da heroína de Rousseau, foi uma jovem intelectual do período iluminista. Vinda de família nobre, os Breteuil que faziam parte da corte francesa de Luiz XIV. Portanto, seus hábitos e sua educação foram voltados para a nobreza da sociedade da época, na primeira metade do século XVIII. Sua educação fora instruída por seu pai, com professores particulares e livre acesso a biblioteca particular da família. Toda vez que sua mãe Gabrielle-Anne percebia sua evolução intelectual, ela tentava vetá-la, tentando mandar a sua filha para uma educação convencional como a dela, em um convento. Seu pai, Louis-Nicolas, já um senhor de idade, incentivava a educação da filha com tudo que tivesse ligação a história, poder, estrelas e religião, temas passados superficialmente nos conventos.

Como era costume em casas nobres, onde havia reuniões nos salões familiares, Louis-Nicolas fazia questão de apresentar sua filha como um pequeno prodígio do conhecimento aplicado a uma criança. Aos 10 anos de idade era normal que Émilie participasse destes encontros nos salões, conversando com pessoas ilustres, como Fontenelle, que acabara de escrever o livro *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*, e que fazia questão de conversar com a menina sobre o conteúdo do livro o qual ela já havia lido e sobre o qual fazia muitas perguntas. É interessante observar que a mudança de comportamento dos pais em relação aos seus filhos, e mais ainda notar a aceitação de uma criança em um salão, fato que mostra como a sociedade já estava se modificando, ou ao menos em uma particular família influente. Ao

utilizar este fato como exemplo pode-se ter uma idéia de como não só a visão da criança estava se modificando, mas também o fator educacional.

A que as crianças chegavam em miniaturas de carruagens e ficavam horas exibindo seus buquês e comentando sobre as taças, mobiliários e as roupas umas das outras. Mas Émilie se entediava e demonstrava isso. (BODANIS, 2012, p. 30).

O gosto pelo conhecimento aflorou em Émilie através de seu pai, e no início de sua juventude, com a morte de Luiz XIV, sua família passou por um período onde já não podiam mais gastar comprando livros para ela. Assim, devido a seu bom conhecimento em números, a jovem Émilie passou a apostar em jogos de cartas, o que era normal a época como divertimento, com o dinheiro que ganhava, a jovem surpreendia sua família ao gastar mais da metade em livros.

O meio comum das jovens nobres era bem diferente dos conventos. As jovens que pretendiam se casar iam, com o consentimento dos pais, morar sozinhas na corte, para que pudessem conhecer pretendentes igualmente nobres. Na corte era normal todo o tipo de jogo, cartas, brincadeiras de esconde em jardins em formato de labirinto, bem como apostas de todos os tipos; um lugar propício principalmente para a liberdade sexual, a qual era posta a prova, por ambos os sexos por via de seus comportamentos.

Émilie elaborou um plano para mostrar a sua seriedade. Como consta em relatos ela simplesmente desafiou o chefe da guarda real do palácio, Jacques de Brun, para um duelo de espadas. [...] Eles não usariam armas para matar, mas o espetáculo que a despia de seu vestido formal para esgrimir contra um soldado profissional traria ao seu redor, para observá-la, todos os nobres que coubessem no círculo. “Ela [...] porta a espada como um hussardo e torna-se tão violenta quanto exasperada [por um homem], que não hesitaria em transpassá-lo”. Ela não derrotou Brun, mas ele também não a derrotou. Ambos depuseram suas espadas, ofegantes. (BODANIS, 2012, p. 34-5).

O fato de Émilie confrontar um homem, em uma arte estritamente masculina, mostra que a partir do conhecimento, estudo e prática, qualquer arte possa ser aprendida e explorada de maneira coerente também pelas mulheres. O fato de ser ou não de ordem natural da força, não exprime o uso e a falta de virtudes

quando utilizados por um gênero, até então, não compatível com sua natureza. Émilie a partir deste acontecimento, colocava em cheque a prova a capacidade física e a intelectualidade em forma de jogo, contradizendo os padrões esperados de uma mulher na época. As ações de Émilie, rompiam as expectativas do comportamento tradicional feminino, de serem próprios a sua natureza a fragilidade e a inferioridade aos homens. Ela mesmo sendo uma minoridade entre as mulheres de sua época, se impunha para mostrar uma força também natural. As obrigações femininas na vida de Émilie, foram substituídas pela busca em fazer valer suas virtudes intelectuais. A obrigatoriedade de um casamento, não desfez a possibilidade de, a partir dos estudos, explorar o mundo que estava a sua frente. Émilie estudava por conta própria.

Mesmo com uma liberdade possibilitada por seu pai, diferente dos moldes tradicionais do período absolutista, Émilie teve que cumprir as obrigações sociais da época. Para garantir a sua liberdade intelectual, ela teve que buscar alguém que permitisse a continuidade de seus estudos e suas vontades em geral, rompendo mais uma vez com as tradições de época anteriores, que castrava as mulheres quanto as escolhas de vida. Assim como Sophie, de Rousseau, Émilie era obrigada a manter a estrutura familiar, como mandavam os costumes sociais e a tradição, ligando tanto o personagem fictício quanto o marco personificado de uma nova ideologia de condição feminina em transformação. Ela, de fato, parece ter conseguido sintetizar a mulher da tradição, mantendo um casamento e a procriação dos filhos como obrigação social, junto a liberdade intelectual feminina, inaugurando novos caminhos para as mulheres.

Aos 17 anos com a obrigação do casamento, e por intermédio da família e amigos conheceu um homem de meia idade, Florent-Claude, marquês de Châtelet, mosqueteiro de seu avó, que era general do Rei-Sol. A união das famílias representava prestígio na corte e na milícia, garantindo direitos exclusivos aos nobres de boa descendência. Era feito um contrato nupcial, garantindo que a jovem não seria deixada em um convento após o casamento, garantia de capital e não abandono na miséria; conquanto de que ambos vivessem vidas bem distantes, como era de costume, seria favorável se

viessem a gostar um do outro (BODANIS, 2012, p. 37). O contrato foi assinado para garantir o posicionamento social e conforto de Émilie. Os padrões sociais da época eram mais uma garantia de posses do que relacionamento afetivo, embora a obrigação da mulher ainda fosse dar herdeiros aos homens do clã, para a perpetuação do nome da família. As mulheres da época aceitavam o fato pelo poder de liberdade, de ir e vir, e ter a possibilidade de aproveitar o que a sociedade francesa na época poderia oferecer. Portanto, o casamento como um contrato e não como destino por natureza, nem feminina, nem masculina.

Cumprindo as exigências tradicionais da época, Émilie, depois de ter dado dois herdeiros ao marquês, ocasionando o fato social obrigatório para se manter um casamento no século XVIII. Após o cumprimento do mesmo, havia a possibilidade de Émilie voltar a estudar, pois tinha condições de ter professores particulares e livros. Mais uma vez rompendo os padrões sociais, seu marido se orgulhava de ter uma mulher inteligente ao seu lado, e não se importava dela passar tanto tempo lendo.

Émilie, em seu *Discurso sobre a felicidade*, relata que o que leva à felicidade é a emancipação intelectual a partir do estudo de conhecimentos dos mais variáveis.

Eu disse que o amor pelo estudo era a paixão mais necessária à nossa felicidade; é um recurso seguro contra as nossas desventuras, é uma fonte inesgotável de prazeres, e Cícero tem razão em dizer: Os prazeres dos sentidos e os do coração, estão sem dúvida, acima dos prazeres do estudo; não é necessário estudar para ser feliz; mas talvez o seja sentir em si mesmo esse recurso e esse apoio. (CHÂTELET, 2002, p.23).

Se o estudo possibilita a felicidade e o ser humano busca a felicidade por natureza, fica claro que é também da natureza da mulher o conhecimento, a ciência e a abstração, não sendo uma exclusividade dos homens. Como em uma criança, independente de gênero, ela buscará o conhecimento, aquilo que lhe trará prazer e, por sua vez, aquilo que lhe trará felicidade. A emancipação da mulher vêm através de sua natureza, seus anseios de participação dentro da sociedade permitiram que as mulheres pudessem mostrar ao mundo o que elas seriam capazes de fazer.

Madame du Châtelet enchia-se de diamantes e se cobria de enfeites, como se quisesse enganar-se a si própria endossando os signos exteriores da feminilidade. Mas a ambiciosa não é “uma mulher que quer se fazer de homem”. É exatamente uma mulher que recusa os limites impostos ao seu sexo e deseja a mesma liberdade. (BADINTER, 2003, p. 30).

A compreensão do entendimento do que poderia ser a natureza da mulher se modificava até mesmo diante dos olhos da sociedade francesa iluminista. Ter representantes do ‘belo sexo’ influenciando na política, literatura, ciência, filosofia e pedagogia era algo novo. Esse rompimento com o tradicional mostrava o que a modernidade poderia trazer de melhor à sociedade, a partir do investimento na educação. O exemplo de Émilie foi além de sua vida, pois sua vida também influenciou obras literárias, inovações e posições filosóficas. Enquanto Émilie mantinha um relacionamento amoroso com o filósofo Voltaire, eles mantinham em sua casa de Cirey um pequeno laboratório de experimentos científicos. Sua atuação incentivava e recebia em seu salão vários intelectuais da época, como Maupertuis, Clairaut, Köening, jovens que impulsionavam a ciência junto a Academia Real da França, bem como, o grupo de estudos chamado de Equipe do Monte Valérien. Sua personalidade como intelectual a torna uma pessoa conhecida e, com isso, foi admitida no Instituto da Bolonha pelo Padre Jaquier. A partir de participações nestes círculos, pode-se dizer que o incentivo e o gosto pelo cultivo de seu conhecimento e de outros, fazia parte da personalidade desta mulher. Certamente ela concordaria que para o bom cultivo intelectual basta educar e incentivar sua educação. Émilie du Châtelet foi a primeira mulher a entrar no meio científico francês no período das luzes.

À primeira vista, somos tentados a opor seus espíritos, como o fazia Pascal, entre espírito de finesse e espírito geométrico, Émilie é uma pura intelectual cartesiana, que só conhece a dedução como maneira de pensar. As analogias não a seduzem, e a indução não a satisfaz completamente. Ela é toda rigor e método. (BADINTER, 2003, p. 77).

Para Émilie, a natureza não era algo que não pudesse ser mudado, pois a partir da educação, haveria a transformação do ser:

Estou persuadida de que muitas mulheres ou ignoram seus talentos, pelos vícios de sua educação, ou os enterram por preconceito e falta de coragem em seu espírito. O que senti confirma esta opinião. [...] e vi com extremo espanto que elas me levavam um pouco a sério. [...] Ainda me sinto feliz por ter renunciado no meio do caminho às frivolidades, enquanto a maioria das mulheres se dedica a elas toda a vida. Quero empregar o tempo que me resta cultivando minha alma. (LA FABLE DES ABEILLES P. 136, APUD BADINTER, 2003, p. 420-1).

Ao juntar as ideias de Émilie aos conceitos compreendidos nos verbetes da Enciclopédia, tais como: a *natureza (Egalité Naturelle)* que se basearia na moral para em prol das fases do ser humano, nascer, crescer, viver e morrer. Pode-se verificar que junto a especificação do verbete *espécie humana (Humaine Espece)*, as mulheres eram definidas por aspectos físicos de acordo com a sua regionalidade. Assim alguns fatos interessantes descritos nestes verbetes expõem o ímpeto de se conceituar a natureza da mulher como a junção de beleza e violência:

[...]Os chineses e os japoneses têm o hábito de impedir o crescimento dos pés de suas mulheres por meios violentos, de modo que elas não podem andar. [...]Há muitas mulheres bonitas na Pérsia, mas elas são levadas para outros países. (DIDEROT, 1765, volume 8, p. 344).¹

Mesmo assim no verbete *homem (Homme)*, além de retratá-lo como animal, quando se fala de sociedade, e a vida de um homem até a chegada da vida adulta, utiliza-se termos como *homem* e crianças. A moral e a vida social estão ressaltadas neste verbete, desde o nascimento até a fase adulta do homem, mas que também poderia caracterizar a vida da mulher por exemplo.

Já no verbete *mulher (femme)* é retratado a partir de algumas vertentes como gramática, antropologia, e ética. Neste verbete correlaciona a mulher tanto com a beleza estética, voltada para a rima, em sua primeira parte. E na segunda, o verbete utiliza os recursos da antropologia, colocando a mulher como a fêmea do homem. Estas descrições ou tentativas de expor uma compreensão na Enciclopédia poderiam ser concordantes com a posição de Rousseau, em alguns termos, já que ele afirma que a felicidade feminina está ligada a felicidade doméstica.

A servidão doméstica de mulheres, bem como a poligamia, levaram à degradação do belo sexo no Oriente, e no final fez desprezível. Renúncia e o divórcio foram proibidos para o sexo com a maior necessidade deles, e que menos podem facilmente abusar delas. A lei da Borgonha condenado a ser enterrado vivo qualquer mulher que rejeitou seu marido legítimo. Pode-se consultar em todos estes sujeitos ao excelente trabalho I 'Esprit des lois, liv. XVI. (DIDEROT, 1765, volume 6, p. 468–471).²

A comparação entre a felicidade das mulheres, segundo Rousseau entraria em conflito com a enciclopédia de Diderot, mas em contra partida, os pré-supostos de Sophie a sua submissão quanto a ser racional e de vontade, estariam de acordo com a sujeição da mulher oriental. Por este mesmo fato, quando o verbete *mulher* fala sobre a parte ética, também se fala sobre a inquietude de sentimentos.

As mulheres não diferem dos homens tanto no coração e na mente como em tamanho e forma, mas a educação tem modificado as suas disposições naturais de muitas maneiras, a dissimulação, que parece ser para eles obrigatório, tornou a sua alma tão secreta, as exceções são tão numerosas, tão misturadas com generalidades, que quanto mais se olha, menos se pode encontrar resultados.[...] As mulheres só têm personagens mistos, intermediários, ou variáveis, se a educação altera sua natureza, mais do que a nossa, ou porque a delicadeza de sua organização faz a sua alma um bloco de gelo, que recebe todos os objetos, retorna-los bruscamente, salva nada.[...] Há três coisas, disse um sábio, que eu sempre amei, sem compreensão, pintura, música e mulheres (DIDEROT, 1765, volume 6, p. 472–475).³

A educação vem à tona em várias partes deste verbete, pois a natureza feminina na realidade, é incompreendida, por isso fala-se tanto na questão da educação, que seria o ponto de encontro entre o homens e mulheres pelo fator racional. No final do verbete, fala-se sobre a educação ser negligenciada para as mulheres, embora este seja o fator de modificação da sociedade.

A partir do momento em que a mulher teve uma maior abertura na sociedade, a mudança ocorreu naturalmente e principalmente pela saída da ignorância em relação ao prazer, a busca pelo prazer, neste caso, estava nos salões. Como foi o caso de Émilie desde sua infância. A questão da mulher se tornar mais atraente para o mundo no século XVIII, estava voltada a participação ativa da mulher na sociedade. Embora tenha sido pequena na

época, foi o suficiente para que as mulheres continuassem a buscar o conhecimento sem fronteiras sociais. No verbete *mulher* de Diderot, podemos ver a correlação que este faz entre a natureza, a beleza, a arte e a liberdade: *A natureza parece ter conferido aos homens o direito de governar. As mulheres recorreram à arte de libertar-se (Nature seems to have conferred upon men the right to govern. Women have had recourse to art to free themselves.)* (DIDEROT, 1765, volume 6, p. 472–475). Esta liberdade obtida através da arte, foi um dos motivos de Émilie dedicar sua vida na busca pela felicidade. Foi através do conhecimento que ela rompeu barreiras sociais que acreditavam que o estudo e a argumentação de fatos não estivessem ao alcance de mulheres. A luta pela igualdade intelectual havia sido iniciada por ela, a primeira erudita francesa, que mostrou pela sua força e integridade moral que é da natureza feminina a igualdade, liberdade e fraternidade.

2.3 NOS SALÕES ROUSSEAU X CHÂTELET.

É importante ressaltar a relevância dos salões iluministas. A contribuição do saber para este meio social, fez com que uma geração feminina saísse do seu destino normal, idas à Igreja. Eram nestas saídas que a maioria das mulheres mantinham o contato com o mundo exterior, pois a família e o lar eram o mais importante para a sua socialização e a sua felicidade. Baseado neste padrão de relação social que a Sophie de Rousseau se constrói como mulher para o lar e para o marido. Já Émilie, influenciada pelo pai desde pequena a participar do salão, irrompe um novo padrão feminino, mais liberta e afeita ao cultivo do intelecto. De fato, aqui temos dois padrões femininos que se constroem a partir da vivência dos salões, uma por nunca ter entrado neles, outra por ter sido sua expressão máxima.

Mas o que seriam os salões do período iluminista? Seriam locais de encontro entre homens e mulheres, onde os principais pensadores do iluminismo se encontravam a fim de refinar o conhecimento, ou ainda elevar a erudição a partir do espírito.

A mudança do debate intelectual na Europa do latim para o francês e da esfera acadêmica para as cortes, cafés, clubes e salões, permitiu a algumas mulheres, em especial damas da nobreza suplementadas por umas poucas freiras, atrizes, cantoras, cortesãs e outras que eram relativamente bem educadas, descobrir a Nova Filosofia e a ciência por meio da “iluminação” intelectual, transformar suas vidas e seus perfis. (ISRAEL, 2010, p.116).

Essa mudança no período iluminista se deu por alguns nomes, como já citados neste trabalho. Acreditar que as mulheres do século XVIII eram fruto de sua época e agiam de acordo com os moldes e tradições da época é um equívoco quando comparada a imagem de Sophie. Como fora já dito anteriormente, a ajuda na obra *Émilio*, veio de Louise D’Epinay, que recebeu Rousseau em seu salão e em sua casa. O que aconteceria se Sophie tivesse contato com o mundo dos salões? Uma vez que a obra de Rousseau fora rejeitada pela sociedade da época e o seu livro queimado, acredito que nem tão pouco Emílio ou Sophie seriam de fato perfeitos um para o outro vivendo em uma Europa de pré-revolução. Os impactos sociais sentidos pela revolução industrial levaram a busca pelo conhecimento científico, assim como Rousseau também teria corrido atrás para escrever suas obras. Mas a modificação de pensamento científico, estava além das tradições compreendidas por Rousseau, no momento ao qual ele escreve o romance. A entrada das mulheres no meio intelectual aflorou a discussão sobre assuntos aos quais não se questionavam, principalmente assuntos como igualdade e sexualidade. Muitos salões além de servir como local de debate para os mais diversos temas intelectuais, também serviam como alcova, motivo ao qual levou Sade a escrever *Filosofia na Alcova*. O confronto de ideias levou a repercussões como:

Se a Filosofia moderna destrói posições anteriores sobre a natureza e o universo, [...], também provocou o mesmo nas mulheres, tanto quanto nos homens, ao menos em potencial, criando um mundo intelectual comum. [...] Entretanto, as mulheres não apenas emergiam como patronas da Filosofia, influenciando os temas por trás dos bastidores, como anfitriãs do debate filosófico, mas também como participantes públicas na, cada vez mais acirrada, guerra europeia das filosofias. Uma mulher com formidável reputação filosófica durante algum tempo foi a amante de Voltaire, Gabrielle-Émilie, marquesa de Châtelet [...] em texto de 1738, emergiu como símbolo de poder intelectual feminino e uma verdadeira discípula de Newton e da “verdade” (ISRAEL, 2010, p.117-119).

A nova construção de saberes colocou a mulher em um novo patamar, onde a educação voltada para os salões desprenderiam as tradições. Ao comparar Sophie de Rousseau, no lar, e Émilie du Châtelet, nos salões, podemos verificar o tamanho da diferença apontada entre a tradição e os novos costumes, pois agora parecia que a influência e a opinião da mulher seriam ouvidas, pois como participante ativa nos debates impulsionava a geração de novos conhecimentos.

Contestar a obra de Rousseau como uma afronta ao legado feminino pode ser um modo de enfrentar o debate entre tradição e novos costumes, pois sua obra não foi aceita nem mesmo entre os seus contemporâneos. Dizer que sua obra serviu para inspirar e elevar o conhecimento dentro da área da educação como uma grande revolução no sistema pedagógico, pode servir como admissão de que as mulheres deveriam passar a sua vida como posse da família, primeiro como posse de seu pai depois como posse de seu marido; também seria resumir a mulher do período iluminista a uma peça de obra de arte que serve apenas para ilustração.

O papel da mulher a partir do contexto educacional do século XVIII levou as mulheres a serem fonte de inspiração e conhecimento para a Revolução Francesa. O acesso ao conhecimento e seu refinamento fizeram com que o mundo tomasse novo rumo. Mesmo que os tradicionalistas como Rousseau acreditassem que a educação feminina cultivada nos livros seria fonte de humilhação para a família, muitas mulheres de seu tempo mostraram que a submissão feminina não era bem aceita. Mesmo as mulheres mais livres como Émilie, a força da tradição ainda se fazia presente através dos deveres sociais de casamento e filhos legítimos, mas nem sempre eram fonte de felicidade como indicava Rousseau. Émilie se contrapunha a Sophie justamente por manter, em sua trajetória de vida, a nítida percepção de que a educação pudesse ser fonte de felicidade, modificando as percepções de sua época, de que as mulheres deveriam ser sempre tuteladas, na sua maneira social e privada.

NOTAS

¹ [...] The Chinese and the Japanese have the habit to prevent the growth of the feet of their women by violence, so that they can not walk. [...] There are many beautiful women in Persia, but they are taken to other countries.

² The domestic servitude of women and polygamy led to the degradation of the fair sex in the East, and in the end made negligible. Disclaimers and divorce were banned for sex with the most need them, and that less can easily abuse them. The law of Burgundy condemned to be buried alive any woman who rejected her rightful husband. You can see in all these subjects to the excellent work *l'Esprit des lois*, liv. XVI.

³ Women do not differ from men so much in heart and mind as in size and shape; but education has modified their natural dispositions in so many ways, the dissimulation that seems to be for them compulsory, has rendered their soul so secret, the exceptions are so numerous, so mixed up with generalities, that the more one looks, the less one can find results.[...] Women only have mixed, intermediate, or variable characters; whether education alters their nature more than ours, or because the delicacy of their organization makes their soul a block of ice which receives all objects, returns them brusquely, and saves nothing.[...] There are three things, said one wit, that I have always loved without understanding, painting, music and women.

3. A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO DOS SALÕES

A realidade iluminista da metade ao final do século XVIII, mostrou que o papel social da mulher havia se modificado. A livre conversação entre homens e mulheres levou a sociedade a romper padrões tradicionais. O iluminismo não se fixou apenas em locais de livre pensar, mas também em locais onde a educação não chegava a todos, como por exemplo aos integrantes do povo. Fatos como a crise das amas de leite, ou ainda a participação de mulheres em jornais, como foi o caso de Louise D'Épinay, levaram as mulheres a quererem um espaço maior e com mais liberdade dentro dos meios comuns no período iluminista.

3.1 IMPACTOS PESSOAIS NA VIDA DA MULHER ILUMINISTA.

Por meio da educação, a vida das mulheres do período iluminista havia se modificado de forma completa, desde hábitos dentro de casa como a educação dos filhos, até a forma de tratar o marido, ou ainda a liberdade de sair de casa para outros meios de convivência social como já foi comentado anteriormente. O livre pensar entre o círculo das mulheres levou a reflexão de temas políticos, teológicos e sexuais as mulheres.

As mulheres seriam capazes de conquistar todos os aperfeiçoamentos que os homens, se tivessem as mesmas vantagens na educação, viagens de companhia e acesso a diversos temas. (WOTTON APUD ISRAEL, 2010 p. 124).

Esta nova sociedade movida por novos ideais, principalmente os de igualdade e liberdade, abriam a discussão sobre virtudes e moral em todas as áreas do conhecimento. Isso significava, para as relações femininas, uma modificação dos padrões tradicionais de pureza, castidade, autoridade e honra familiar (DORIA APUD ISRAEL, 2010, p. 127) que aconteceriam no período pré-revolução. Se pode-se creditar a este acontecimento histórico o progresso da filosofia, também pode-se creditar a ele o novo espaço para a mulher na sociedade moderna.

Acredita-se que este movimento aconteceu por volta de 1726, com a publicação do texto *Iluminismo Primevo*, de Paolo Mattia Doria, pois aponta uma certa liberalidade nas conversações entre os sexos:

“No qual é demonstrado demonstrado que a mulher, em quase todas as principais virtudes, não é inferior ao homem”, uma obra dedicada a duquesa Aurélia d’Este de Limatola, é um clássico do Iluminismo Primevo. [...] a nova tendência de “liberdade de conversação entre homens e mulheres”. (ISRAEL, 2010, p. 127.)

Havia para as mulheres um novo padrão de autodescoberta. A nova sociedade não aceitava mais Sophies como Rousseau queria, pois mulheres ao estilo de Émilie du Châtelet, seriam as mais hábeis em movimentar-se nesta nova estrutura. O novo perfil educacional e intelectual que primavam pela liberdade, principalmente no período final do iluminismo, inspiravam os intelectuais a buscar uma forma de convivência frutífera entre gêneros. Na eclosão da Revolução, mesmo que de forma implícita, a mulher teve papel importante, pois participou de forma ativa na modificação social registrada na história.

3.2 IMPACTOS POLÍTICOS.

O pensamento neste período e a busca por novos conceitos e conhecimentos levou as mulheres postularem sua emancipação da tutela dos homens. Émilie du Châtelet foi umas dessas mulheres que não pensava numa vida doméstica como sugeria Rousseau, mas sim no futuro de sua família e agregados, como no caso Voltaire e seus colegas de estudo do Monte Valeriem, como uma responsabilidade não apenas privada mais também social. Émilie du Châtelet teve a oportunidade de interagir em favor de seu marido que, a partir do cargo de governador de Semur, pode crescer dentro da política, garantindo ao seu filho um cargo no exército, quando ele tinha apenas dezesseis anos de idade. Ela também assegurava as várias fugas de Voltaire do território francês para ir a Prússia, onde ele não seria julgado pelas publicações de seus livros. Apesar das diferenças pode-se aproximar Sophie de Châtelet em relação a preocupação e aos cuidados da família, a responsabilidade pelo casamento e o sucesso do marido. Porém, o mais importante é se pensar que o período

iluminista sempre buscou a felicidade, em meio aos desafios políticos de mudanças, bem como a legislação das diferenças entre a vida tradicional e uma vida com mais liberdade para as mulheres, ou seja, uma vida prazerosa. Para Émilie as fontes de satisfação, como a glória por exemplo, se dariam através deste meio político social, que só foi permitido as mulheres a partir do período iluminista.

O amor pela glória, que é fonte de tanto prazer e de tantos esforços de todos os gêneros que contribuem para a felicidade, para a instrução e para a perfeição da sociedade. (CHÂTELET, 2002 p. 22.)

Se pela família ou por busca pessoal, a felicidade, junto com os conhecimentos repassados por uma boa educação, modificaram e fizeram as mulheres entrarem no mundo do conhecimento, apenas no meio social seria reconhecido. Portanto, qualquer que fosse a nova realidade para as mulheres ela deveria ocorrer na sociedade e ser reconhecida politicamente por ela.

3.3 IMPACTOS SOCIAIS

Iniciou na nobreza e na burguesia do século das Luzes, as repercussões sobre os feitos de mulheres. Um dos maiores impactos sociais, gerados pela movimentação e articulação das mulheres foi em relação à amamentação. Mulheres da nobreza e da burguesia não queriam deixar a nova forma de vida, com liberdade e vivência nos salões, para ter uma criança. Tradicionalmente a casa poderia ser fonte de infortúnios dentro da família, pois mesmo levando em consideração que muitas casas tinham seus salões particulares para a reunião de celebridades, a criação dos filhos seria um problema. Assim, nos séculos XVII e XVIII, uma categoria de mulheres ganha poder, as amas de leite, que ficaram muito conhecidas e respeitadas por se manterem afastadas das grandes casas. Muitos pais tinham que se deslocar até as residências de suas amas de leite para verem seus filhos ou estes lhes rendiam visitas. Este fato gerou dois principais problemas: o primeiro foi o fato da mortalidade infantil

aumentar entre os recém nascidos; e o segundo fato foi a crise das amas de leite.

Esta crise eclode quando se populariza a vida dos salões, pois o povo passa a querer aproveitar a vida, como as “madames” da alta sociedade europeia, e as mulheres do povo já não estavam mais tão dispostas a amamentar os filhos dos nobres. Era comum camareiras, cozinheiras e outras mulheres, que até então viviam dentro de casa, passarem a procurar outras mulheres, mais pobres, para serem suas amas de leite. Era um problema em cadeia que poderia causar a morte de uma geração inteira.

Em *Émilio*, Rousseau evoca a questão da amamentação como algo natural do animal do gênero humano, como uma resposta ao caos indicado pela crise das amas de leite:

Não contentes de ter deixado de amamentar os filhos, as mulheres deixam de querer gerá-los; a consequência disso é natural. [...] Não é duvidoso o dever das mulheres, mas o que se discute é se, com o desprezo que elas têm por ele, é indiferente para os filhos que sejam amamentados com seu leite ou com outro. [...] Terá a criança menos necessidade de uma mãe do que de suas tetas? [...] e a criança mal cuidada terá cem vezes o tempo de morrer antes que sua ama-de-leite tenha adquirido por ela uma ternura de mãe. (ROUSSEAU, 1999, p. 18-19).

Independente do animal que alimente uma criança, Rousseau coloca em questão os laços da criança em relação a quem a amamenta e cuida, colocando em segundo plano a questão da mulher na sua condição de mãe. Os laços de ternura como Rousseau cita, são repassados através do alimento para a criança, e o provedor, independente de qual seja, mãe, ama-de-leite ou um animal qualquer que de leite, teria influência neste seu desenvolvimento. Lembrando que o período iluminista foi marcado pelo fato de ser extremamente racionalista, esta afirmação se direciona à mulher que ele critica, a nobre dos salões. Sua análise menciona o absurdo da cultura dos salões e a difusão de costumes contra a natureza, como a amamentação por pessoa que não a mãe. Ele busca no exemplo das mulheres simples a prova de que a criança só tem saúde se mantiver os laços de afetividade com sua mãe. Como ele mesmo lembra a situação da época:

Um marido que ousasse consentir que sua mulher amamentasse o filho seria um homem perdido. Fariam dele um assassino que quer se livrar-se da esposa. Maridos prudentes, é preciso sacrificar pela paz o amor paterno. (ROUSSEAU, 1999, p.19.)

O texto de Rousseau continua com o relato de mulheres do campo, lembrando que a crise das amas-de-leite tomou a Europa. O texto aponta para o cultivo do amor do pai pelo filho, cabendo a mulher o papel de submissão e cuidado da criança. Neste momento pode-se dizer que há a tentativa de Rousseau tentar clamar por um direito das mulheres e das crianças. Ele estabelece a necessidade das crianças terem um elo moral com a mãe, já que este deveria ser como um dever:

O filho deve amar a mãe antes de saber que é seu dever. Se a voz do sangue não for fortalecida pelo hábito e pelos zelos, ela desaparece nos primeiros anos, e o coração morre, por assim dizer, antes de nascer. Eis-nos desde os primeiros passos fora da natureza. (ROUSSEAU, 1999, p. 22).

Aqui a criança sabe de seu dever para com a mãe pelo simples fato de ter sido gerada e cuidada por ela, se seus laços emocionais são fortes com quem a cuidou e amamentou, naturalmente ela nutrirá respeito e compaixão por sua mãe. Este era o intuito de Rousseau ao exigir que a própria mãe amamente seus filhos.

Se a natureza é algo que não pode ser modificado, qual seria o motivo da preocupação de Rousseau? Qual o motivo desta naturalidade se apagar dos corações das crianças? Seria somente o fator da amamentação? Lembrando que o fator da não amamentação era uma imposição da sociedade, de homens para mulheres, pois quando elas passavam longos períodos longe dos salões pela maternidade, seu prestígio e poder também eram afrouxados e, por vezes, esquecidos.

Ao lembrar que Rousseau ficou um tempo no ermitário de Louise D'Epina, uma das maiores brigas da vida desta contemporânea que o abrigou, foi quando ela ficou grávida pela primeira vez e seu marido não havia permitido que ela cuidasse do seu bebê.

Louise d'Epina: "Vale superar o pequeno ridículo, muito momentâneo, que se gostaria de atribuir a uma ação tão natural." La Live d'Epina: "Não há bom senso nisto. Que diabo de satisfação pode-se sentir aleitando uma criança? (EPINAY APUD BADINTER, 2003, p. 111-2).

A saúde das crianças pouco importavam para a grande maioria das pessoas deste período, mas não significa que todos pensassem da mesma forma. Louise d'Epina foi a prova de que o pensamento da mulher quanto a amamentação já estava sendo modificada.

Diante da falta de entusiasmo dos antigos e da recusa aristocrática de seu marido, Madame d'Epina encarna a nova mãe, aquela que Rousseau exaltará quinze anos mais tarde em Emílio. (BADINTER, 2003, p.112).

Questões sobre como se educar uma criança passaram a ser um tema mais que corriqueiro, pela questão de como isso iria influenciar na formação do ser humano para a sociedade. A questão levantada por Louise d'Epina é a questão da amamentação por amor, não apenas como algo ligado a natureza como propunha Rousseau.

Poderia-se dizer que nas várias interpretações de Rousseau quanto a Platão, como estudioso, Rousseau se esquece do papel fundamental que uma mulher, no caso Diotima, na obra O Banquete (PLATÃO, 1991). Diotima aparece como aquela que explica a Sócrates o papel fundamental do amor, ser miserável e caçador por natureza, que busca tudo aquilo que é bom e belo. No caso de Emílio, é Sophie que mostra a Emílio qual seria a função do amadurecimento pelo amor, de se ter calma, para não acabar como um miserável, como coloca o mestre de Emílio, e também como Diotima mostrou a Sócrates:

"Sofia ainda não tem dezoito anos; mal completaste vinde e dois; é a idade do amor, mas não a do casamento. [...] Quando a mãe e a criança crescem ao mesmo tempo e a substância necessária ao crescimento de casa uma divide-se entre elas, nenhuma das duas recebe o que a natureza lhe destinava; [...] Emílio, debes deixar Sofia; se fosses capaz de abandoná-la para retornares digno dela." Emílio, é preciso deixar Sofia; eu o quero. (ROUSSEAU, 1999, p. 632-3.)

Este amadurecimento do amor, no caso, tanto de Sócrates, quanto na narração de Émilio, teria a interferência de uma mulher. O amor de si pelas coisas da natureza não seriam dados pela razão, mas sim por esta busca primitiva a o fim que seria o bem, no caso o amor. Este amor não seria só pelo homem, à família ou pelos filhos, mas também por tudo aquilo que levava a felicidade das mulheres. Quando o caso era relativo aos estudos, no caso de Émilie du Châtelet, ela sofria com a ignorância dos acontecimento quanto ao preconceito dos homens quanto as ideias das mulheres.

Fénelon temia as mulheres que queriam se distinguir por sua inteligência.[...] Estas mulheres são perigosas quando se intrometem em metafísica ou teologia. Dão origem às seitas e às cabalas. É preciso, portanto, a qualquer preço, impedir a jovem de desenvolver o “belo espírito”. (BADINTER, 2002, p. 183-4).

O amor racional, quando mostrado pelas mulheres, fazia com que os homens duvidassem da sua veracidade. Acreditava-se que a mulher não teria esta capacidade, e que o seu amor seria apenas fraternal e instintivo por natureza. O despertar para o mundo, e com isso contribuir para com o conhecimento e a sociedade, era algo apenas esperado pelos homens da época. A liberdade se deparava com o posto de submissão feminina, de que as mulheres deveriam por natureza fazer apenas aquilo que se era esperado. Como por exemplo: criar laços por sua condição, e não despertar o amor, que traria a felicidade, por outras coisas além daquelas que fossem de seu sexo, segundo Rousseau. Émilie por outro lado mostra em sua obra o amor racional. A sua morte depois de dar a luz a uma filha ilegítima a levou a morte, não por complicações no parto, mas pela tristeza da exposição social da traição. Seu marido havia comemorado o fato, mesmo depois de quinze anos sem ter relações sexuais com a esposa, mandou comemorar o fato de que ela estava grávida, pois era mais um membro para o clã. Mas para Émilie uma filha fora do casamento seria uma desonra para ela. Sua ética pessoal levou-a a morte.

Émilie, apesar de ser uma mulher notável não se encaixaria como exemplo de mulher perfeita para o século XVIII. Embora tenha tido a coragem de ir atrás de sua felicidade que a libertava diante de livros e de uma vivência plena,

também sucumbiu aos costumes sociais, o constrangimento ético pela maternidade tardia e ilegítima foram os causadores de sua morte.

Da mesma forma Sophie de Rousseau, não se encaixaria como uma boa mulher do Século XVIII, pois não tinha o perfil de mulher que a sociedade pré-Revolução Francesa precisava.

A finalidade da educação dos salões, que era produzir conhecimento, discuti-los e divulga-los, ao mesmo tempo que quebrar paradigmas sociais e sexuais, gerou uma sociedade mais atenta ao papel da mulher. Embora estes dois ícones femininos do período iluminista não tenham alcançado sucesso no desenvolvimento da mulher no seu tempo, foram um marco para os séculos futuros manterem a reflexão sobre o posicionamento da mulher, sua singularidade na construção das sociedades e a força de sua posição política.

CONCLUSÃO

Neste trabalho pode-se concluir que a perspectiva da educação feminina no século das luzes é voltada para as mulheres de elite: branca, com bom posicionamento social e com estímulo da família para alcançar qualquer tipo de conhecimento; qualquer outra mulher que não se enquadrasse neste caso não teria como ter acesso à educação.

Mesmo com este quadro específico as mulheres entre os séculos XVII e XVIII, como no caso as protagonistas desta monografia em questão, passaram por quadros muito restritos quanto o caráter formativo da futura mulher francesa, que saíram da escuridão para alcançar a iluminação. Desta forma o rompimento com o sistema religioso vindo a partir da tradição modificou-se dentro da história, tirando a mulher do meio doméstico, na busca de conhecimento a partir do conhecimento autodidata. A mulher deixava de ter como atributos mecânicos repassados pelos conventos; as habilidades com agulha, administração dos afazeres da casa e como esposa. No período iluminista os afazeres domésticos voltados para aquelas damas de elite, não faziam mais parte da determinação de gênero para a época, uma vez que a erudição por meio de estudos particulares das mulheres, era cada vez mais frequente. A mulher casta deu lugar à musa inspiradora das artes renascentistas e modernas, servindo como símbolo de libertação, nas obras de arte plásticas, arquitetônicas, literárias e teatrais. A natureza da mulher teve pela primeira vez a graça de motivar os homens, impulsionando ambos os sexos a querer coisas maiores, dado ao fato de refinamento do conhecimento se dava a partir das conversas entre gênero. A relação do burgo com a mulher também projetou na sociedade um novo mercado, onde a mulher estava em ponto de decisão, tanto pela ambição, como pelo o luxo, na questão do gosto. Esta questão do gosto passou a ser tomado como virtude da mulher, por graça, signo do belo e do conhecimento, lembrando que todos estes compunham a natureza da mulher pela graça. Desta forma a natureza feminina passou a ser repensada pela graça. O conhecimento científico por meio da educação se dava por estímulo, tanto para meninos quanto para as meninas, pois para a família era motivo de orgulho ter uma criança pródiga. Neste sentido as

meninas, futuras mulheres, deixavam de renunciar ao mundo do conhecimento. O número de mulheres eruditas no período iluminista chega a ser ínfimo perto do número de pensadores que tiveram obras publicadas, mas não é um número inexistente. A filosofia iluminista em seus problemas referentes a liberdade, não foram apenas de homens para homens, as mulheres influenciaram neste grande período.

Quando se buscava fundamentos da natureza e da educação, Rousseau construiu para a sociedade da época exemplos do povo que deveriam ser tomados pela população, independente de classe, mas pautados em seres imaginários, e perfeitos dentro de sua obra literária. Em *Emílio ou da educação*, Sophie é a mulher perfeita para Emílio, sua educação mantinha a tradição cristã, que no caso continha a natureza feminina resguardada para acatar a voz de comando da família no estilo patriarcal, primeiro pelo pai e depois pelo marido. É importante ressaltar como estes padrões sociais criticavam a mudança do estado social enfrentado pela mulher, a tentativa de Rousseau foi de regravar as mulheres e de tentar equilibrar os poderes naturais delas. Haveria então um jogo de poderes, as mulheres, representadas por Sophie se subjugavam ao homem, resguardando a sua natureza a fim de minimizar a violência natural masculina; isto repassado sempre pela educação. Por tanto a natureza moral da mulher seria aspirar junto a natureza do homem. Rousseau acreditava que a mulher nobre ou de boa condição de vida, deveria se comportar da mesma maneira que uma mulher do povo, ou seja, voltada apenas para os afazeres domésticos, e impossibilitada por estes de ter um conhecimento igual ou maior que aquele dos homens. Uma boa Sophie saberia se conter, mas acredito que senão houvessem mulheres como Louise d'Épinay, que deu abrigo em sua casa ao pensador, e que tinha uma neta chamada Émilie, nem mesmo Emílio teria existido.

A natureza e a educação de uma pessoa real, no caso Émilie Breteuil do Châtelet, mostrou que a formação social da mesma, foi crucial tanto como exemplo, como para história da filosofia, ou ainda, para França pré-revolução. Não seria apenas por ela ter ficado conhecida como a amante de Voltaire, quando na realidade, era ela quem o sustentava e o mantinha em uma boa vida, de forma financeira, política e intelectual. Há textos como o *Dicionário*

Filosófico de Voltaire, que fora debatido, escrito e publicado na mesma época que o livro de Émilie, *Dúvidas Sobre as Religiões Relevantes*, que também se tem ideias em *Cartas Inglesas* ou *Cartas Filosóficas*, de Voltaire, não se sabe ao certo quem influenciou ao outro, mas houve uma colaboração mútua na escrita destas obras. Outro fato importante, é que até então, Voltaire era conhecido como poeta, e durante o seu relacionamento com Émilie, ele se desenvolveu como historiador e cientista, e depois com a morte de Émilie, ele volta a ser poeta, tendo obras de menor importância nas ciências exatas, mas em alto grau em metafísica. Poder-se-ia concluir que tanto Sophie como Émilie aspiravam junto ao homem como Rousseau afirmou em sua obra. Émilie em sua obra *Discurso Sobre a Felicidade*, ela aponta os caminhos para a felicidade, ao destacar que a felicidade teria etapas como: vida social, a importância da ilusão, família, amantes e conhecimento. As sugestões do livro para a felicidade, na realidade foi como ela encontrou maneiras orientar uma boa forma de se viver. O final de sua vida, ela estava terminando mais uma tradução do latim para o francês de uma obra de Newton. Suas traduções das obras de Newton são até hoje as mais bem explicadas. Ela conseguiu juntar as tradições femininas da época, inovar conceitos e lutar pela transformação e libertação feminina em sua época. Junto a outros pensadores, Diderot, por exemplo, afirmou com a publicação da enciclopédia de que “*as mulheres recorrem a arte de libertar-se*”, foi esta abertura que Émilie trouxe ao mundo atual, a arte de libertar-se, mas por que as mulheres ainda não são libertas? Por que não há um empoderamento conclusivo da capacidade intelectual e social da mulher? Acredito que pelo mesmo fato de que Émilie não é o exemplo de mulher perfeita do período iluminista. As tradições e tabus vieram de gerações a gerações até os dias de hoje, a voz e a intelectualidade feminina foram e ainda são questionadas. Mesmo com a abertura dos salões, por exemplo, a mulher que teria voz quanto a concretização da verdade, seria Sophie de Rousseau, por seguir todos os padrões de submissão que a sociedade esperava e ainda espera de uma mulher, casta, que guardava ou guarda seus anseios e vontades para si. A mulher muitas vezes passava e passa como peça de observação e admiração, mas nunca como ser de vontade diferente a do homem. A legitimação da mulher só era, e ainda é

válida, se consentir com o ideal do homem. A educação ainda não rompeu esta barreira que vem muito antes do iluminismo.

A finalidade de uma educação voltada para os salões, tanto naquela época, quanto hoje, século XXI, é para o social, o meio urbano. Incentiva-se como Émilie, com grupos de estudo e manifestações políticas, mas o papel social da mulher continua sendo amargo como as mulheres do povo que até mesmo Rousseau se esqueceu, a mulher que trabalha junto com o homem. Sempre houveram instituições corporativistas de mulheres, que trabalhavam como costureiras, camareiras, artesãs ou governantas, no século XVIII, são as mesmas que ajudaram na crise das amas de leite. O papel desenvolvido por estas mulheres, atualmente no século XXI, continuam com uma jornada dupla e se não tripla da sociedade, trabalhadora, mulher e mãe, com trabalhos tidos como subempregos, sem destaque e sem valorização financeira ou social. O lugar legal destas mulheres, ainda é negligenciado. Por exemplo, na contemporaneidade atual, quando uma adolescente comparada a uma mulher daquela época, da mesma idade, que iniciava a vida adulta gerando herdeiros para a sociedade. Ela parava com a sua rotina para viver a tradição familiar, ou ainda tinha o seu caminho ao conhecimento interrompido, para dar lugar a outra vida, a do herdeiro, a tradição ainda permanece. As mulheres têm o seu marco para a vida adulta a partir da maternidade, pois espera-se a vida inteira de qualquer mulher que ela seja mãe. O padrão social ao qual a mulher tem que ter filhos é uma tradição, e não um acontecimento natural. Para a sociedade patriarcal, seria inadmissível uma mulher não querer cumprir o papel de esposa ou de mãe, pois a tradição diria que a mulher não estaria completa ou feliz. Este fato faz com que o senso comum imponha as necessidades básicas na vida de uma mulher, de que todas precisam de um homem e filhos. A natureza precisa de cuidados, mas a mulher/ adolescente era e ainda é deixada de lado, como se a sua única virtude natural fosse ser mãe. Naquela época e ainda hoje, se uma mulher optasse ou optar, por não se casar, ou ainda não ter filhos, a sociedade a enxergava e a enxerga como uma anormalidade social, devida a exigência tradicional, de estrutura pessoal e social, casar, ter filhos e cuidar da família. A mulher era, e ainda é, fruto de tradições, e muitas ainda preferem ter a submissão, como foi sugerida por

Rousseau, do que ter a vontade o suficiente para lutar contra os moldes da sociedade, como fez Émilie. Émilie, só conseguiu sair dos padrões de sua época, pelos títulos de família; primeiro pela família de seu pai e sua mãe, e depois com o clã de seu marido. Uma Sophie, vinda de uma família sem poder financeiro e ou social naquela época, jamais poderia pensar diferente de seus pares. Mesmo a Sophie, ela também não fazia parte do povo, que trabalhava, sempre para o sustento de sua família, dos pais, ou aquela que depois ela iria construir.

Não se pode julgar a natureza e a educação sem antes se ter consciência total do meio em que a mulher estava, ou está inserida. Por este motivo foi escolhida estas duas heroínas, Sophie de Rousseau, e Émilie du Châtelet, por se ter os exemplos sociais do período iluminista. Apesar de toda revolução trazida depois deste período, a mulher continua trazendo elementos de luta e busca pelo reconhecimento. Ela, a mulher, continua sendo fruto de inspiração e fonte de uma primeira educação. A mulher, como no caso de Émilie, continua sendo excluída da sociedade, não só por homens, mas por mulheres que aceitam a submissão proposta por Rousseau, e corroboram principalmente a violência psicológica imposta a mulheres diariamente. A tradição escolar, por ter moldes patriarcais subjuga a natureza da mulher, muitas vezes considerando a natureza feminina inferior a do homem. *Os Direitos dos Homens e dos Cidadãos* (1789), previa unicamente os direitos de apenas um gênero. Quando Olympe de Gouges pedia a igualdade entre os gêneros, ela foi morta, por causa de sua publicação *Os Direitos das Mulheres e das Cidadãs*. Esta cartilha dizia que as mulheres se igualam aos homens em direitos e deveres. Ainda hoje é um livro com pouca disponibilidade no mercado, encontram-se apenas fragmentos da obra, mas não o livro para ser adquirido. Muitos livros escritos por mulheres são difíceis de ser encontrados. As mulheres, mesmo no século XXI ainda não conseguiram seu lugar no mercado de trabalho e na sociedade. A violência psicológica ainda é um dos fatores mais comuns no cotidiano de várias mulheres. Piadas de mal gosto subjogando a capacidade intelectual feminina, acompanham o subconsciente delas diariamente. A mulher continua carregando o fruto do pecado original como se fosse culpada do mundo ser como esta, ao qual ela é colocada como

agente da violência e não como vítima de uma cultura opressora. A culpa pelo comportamento individual; como a mulher se veste e age, pelo contexto patriarcal, seria apenas porque os homens querem que seja segundo certos padrões, e não pela vontade da mulher. Outros abusos sofridos pela mulher ainda são por reflexo da tradição patriarcal, são eles: violência de gênero, violência intrafamiliar, violência doméstica, violência física, violência sexual, violência psicológica, violência econômica ou financeira, violência institucional. Todos estes levam muitas vezes ao feminicídio continua, junto as suas mais variadas vertentes de violência contra a mulher, colocando-a como responsável por estes atos, que excluem a racionalidade reivindicada pela mulher no século XVIII. A mulher era e ainda é vista como objeto de prazer para o homem, e ainda se clama por liberdade, igualdade e fraternidade de gênero. Estes ainda são negados as mulheres, que tem a sua capacidade intelectual subjugada todos os dias das mais diferentes formas.

Sophie de Rousseau e Émilie du Châtelet continuam como personagens da sociedade atual, pois ambas ainda fazem parte da sociedade, em busca da felicidade com a família, ou com seus estudos. A mulher continua buscando seu reconhecimento.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Émilie, Émilie, a Ambição Feminina no Século XVIII**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

_____. **As Paixões intelectuais Volume II**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2007.

_____. **O que é uma Mulher?** Rio de Janeiro: Editora Nova Froneira, 1991.

BODANIS, David. **Mentes Apaixonadas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

CHÂTELET, Madame du. **Discurso Sobre a Felicidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

DEFFAND, Madame du. **Cartas a Voltaire**. São Paulo : Editora Mandarim, 1996.

DIDEROT, Denis. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0000.242> , verbete espécie humana : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0001.064> , verbete Feminino (gramática) : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0000.560> , verbete as graças : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0000.160> , verbete homem : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0000.161> , verbete homem : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0000.247> , verbete homem : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0001.246> , verbete liberdade natural : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0000.287> , verbete Mulher (ética) : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0000.181> , verbete Mulher (antropologia) : acessado em 27 de junho de 2013.

_____. **Encyclopedia of Diderot & d'Alembert**, <http://hdl.handle.net/2027/spo.did2222.0000.224> , verbete natural : acessado em 27 de junho de 2013.

<http://www.ess.ufrj.br/prevencaoviolencaisexual/index.php/tipos-de-violencia-cometida-contra-a-mulher> , **Tipos de Violência Cometida Contra a Mulher**. Acessado em 15 de setembro de 2013.

ISRAEL, Jonathan I. **Iluminismo Radical**. São Paulo: Editora Madras, 2009.

PLATÃO. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SPRENGER, Heinrich Kramer e James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: 1991.

STAROBINSK, Jean. **A Invenção da liberdade**. São Paulo: Unesp, 1994.